



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

FLÁVIA DO CARMO BERTASSO

**CONSTRUÇÕES SUBORDINADAS COM O VERBO SABER NO
PORTUGUÊS FALADO: UMA ABORDAGEM COGNITIVO-
FUNCIONAL**

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2021

Flávia do Carmo Bertasso

Construções subordinadas com o verbo *saber* no português falado:
uma abordagem cognitivo-funcional

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa

São José do Rio Preto

2021

B536c

Bertasso, Flávia do Carmo

Construções subordinadas com o verbo saber no português falado: uma abordagem cognitivo-funcional / Flávia do Carmo Bertasso. -- São José do Rio Preto, 2021

100 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Gisele Cássia de Sousa

1. Orações completivas. 2. Abordagem cognitivo-funcional. 3. Subordinação. 4. Construcionalização. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Flávia do Carmo Bertasso

Construções subordinadas com o verbo *saber* no português falado:
uma abordagem cognitivo-funcional

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Solange de Carvalho Fortilli
UFMS – Câmpus de Três Lagoas

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglio-Hattnher
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto

3 de setembro de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado capacidade para vencer mais este desafio.

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais, Milton e Maria das Graças, por sempre terem me apoiado.

Agradeço à Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho, à Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglio Hattnher e à Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli, pelas excelentes sugestões nas bancas de Qualificação e Defesa deste trabalho.

Agradeço, por fim, à Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa, minha orientadora, que, além de contribuir para minha pesquisa, desde a Iniciação Científica, com extrema paciência e doçura, tornou-se uma das pessoas mais queridas em minha vida.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar o funcionamento de construções com o verbo *saber* no português falado, com base no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva e Cognitivo-funcional, especialmente Langacker (1987, 1991, 2009), Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013). A partir de dados do português falado no interior paulista, busca-se descrever os usos de *saber* em contextos de subordinação para determinar suas formas e funções na variedade do português investigada e estabelecer possíveis relações de derivação entre elas, em termos formais e funcionais. Ainda, pretende-se examinar os graus de integração e perfilamento em janelas de atenção das construções, analisar e comparar os graus de construcionalidade das formas com *saber* em cada um dos usos descritos e propor uma rede de construções capaz de mapear os diferentes usos das formas analisadas. Adota-se o conceito cognitivo de subordinação, segundo o qual a subordinação equivale a uma relação entre processos perfilados que se combinam de diferentes modos em janelas de atenção conceitual (LANGACKER, 2009). Em termos discursivos, entende-se a subordinação como uma relação entre espaços mentais (FAUCONNIER, 1985) que fornecem instruções ao interlocutor acerca do domínio conceitual sob o qual uma proposição deve ser compreendida (VERHAGEN, 2005; LANGACKER, 2009). Com as análises realizadas, identificam-se três grupos de construção com *saber* conforme o modo de combinação proporcionado em termos de janelas de atenção distintas: 1) *saber* como descritor de conhecimento em combinação integrada de estados-de-coisas concebidos em uma única janela de atenção; 2) *saber*, nas construções modalizadoras *(eu) sei que* e *(eu) não sei se*, que podem ou não ser concebidas como estruturas compostas, a depender de os processos perfilados serem ou não concebidos como integrados; e 3) *saber* em construção com funções instrucionais, sob a forma *eu sei que*, em combinação também conceitualmente integrada, mas com apenas um estado-de-coisas perfilado, em relação ao qual a construção com *saber* funciona como um operador de organização discursiva. As construções analisadas neste estudo exibem graus de construcionalidade distintos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), principalmente em termos dos critérios de esquematicidade e composicionalidade, identificados por menor/maior variabilidade em relação a pessoa gramatical, tempo-modo verbal, explicitude e forma do sujeito, posição da construção em relação à proposição combinada e modalidade da construção com *saber*. Os resultados também permitem considerar, de modo geral, que as construções descritoras de (des)conhecimento se

encontram em um estágio menos avançado de construcionalização do que as construções modalizadoras de (in)certeza as quais, por sua vez, encontram-se menos construcionalizadas do que as formas que atuam como operadores de organização discursiva.

Palavras-chave: Orações completivas. Abordagem cognitivo-funcional. Subordinação. Construcionalização.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate how different constructions with the verb “*saber*” (to know) work in Portuguese, in accordance with the Cognitive Linguistics theoretical approach, especially Langacker (1987, 1991, 2009), Traugott (2012) and Traugott and Trousdale (2013). Based on data from Portuguese spoken in São Paulo’s inland cities, the research intends to describe the uses of the verb “*saber*” in contexts of clausal complementation, with the purpose of determining the forms and functions of these constructions in the Portuguese variety analyzed, as well as establishing possible derivational relations among them, in both formal and functional terms. Also, the research intends to examine the levels of integration and profiling in windows of attention, analyze and compare the constructionalization degrees in the different uses and suggest a construction net in order to map the forms and uses of the verb “*saber*” studied herein. The cognitive concept of subordination adopted herein stands for subordination as equivalent to a relation between profiled processes that combine in different ways in “conceptual attention windows” (LANGACKER, 2009). In discursive terms, subordination is presumed as a relation among mental spaces (FAUCONNIER, 1985) intended to provide instructions to the interlocutor about the conceptual domain under which a proposition must be understood (VERHAGEN, 2005; LANGACKER, 2009). After the analysis, three groups of constructions with “*saber*” were identified according to the combination mode set in different windows of attention: 1) “*saber*” as descriptor of knowledge, in a composite conception viewed in a single window of attention; 2) “*saber*” in the modal constructions “(eu) sei que” and “(eu) não se se”, which may be seen as a composite conception depending if the processes are integrated or not and, and 3) “*saber*” with instructional functions, “(eu) sei que”, also in a composite conception, but with only one profile overridden in relation to which the construction with “*saber*” works as an operator of discourse organization. Each one of them has different constructionalization degrees (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), mainly in terms of schematicity and compositionality, identified by less/more variability concerning grammatical person, verbal time and mood, subject explicitness, modality of the main clause or embedded clause, form and construction position regarding the combined proposition. It is also possible to consider, with the results, that the constructions descriptors of (lack of) knowledge would be less constructionalised than the modal constructions of

(un)certainty, which would be less constructionalised than the instructional constructions that act in the discursive organization.

Keywords: Complement clauses. Functional-cognitive approach. Subordination. Constructionalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Modos de integração entre oração matriz e completiva	33
Figura 2. Pareamento forma-função das construções assertivas	89
Figura 3. Pareamento forma-função das construções performativas modais	89
Figura 4. Pareamento forma-função das construções performativas de organização tópica	89
Figura 5. Escala de construcionalidade das construções com <i>saber</i>	90
Figura 6. Forma das sentenças subordinadas completivas no português falado	91
Figura 7. Forma das sentenças subordinadas completivas no português falado e sua contraparte cognitivo-conceitual	92
Figura 8. Possíveis relações de herança entre as construções com <i>saber</i>	93
Quadro 1. Propriedades características das construções de certeza e de incerteza	80
Quadro 2. Propriedades características das construções de organização tópica	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Pessoa gramatical nas construções com <i>saber</i> assertivas e performativas	63
Tabela 2. Tempo-modo verbal nas construções com <i>saber</i> assertivas e performativas	63
Tabela 3. Preenchimento de sujeito nas construções com <i>saber</i> assertivas e performativas	68
Tabela 4. Forma do sujeito quando preenchido nas construções com <i>saber</i> assertivas e performativas	70
Tabela 5. Posição das construções com <i>saber</i> assertivas e performativas	72
Tabela 6. Unidade funcional sob escopo das construções com <i>saber</i> assertivas e performativas	73
Tabela 7. Modalidade da oração com <i>saber</i> ou que <i>saber</i> escopa nas construções assertivas e performativas	74
Tabela 8. Pessoa gramatical nas construções modalizadoras	76
Tabela 9. Preenchimento de sujeito nas construções modalizadoras	78
Tabela 10. Preenchimento de sujeito nas construções organizadoras de tópico	83
Tabela 11. Modalidade do enunciado escopado pelas construções com <i>saber</i> organizadoras de tópico	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 Estudos anteriores	21
2.2 Combinação de orações na abordagem funcionalista	28
2.2.1 Subordinação sob a perspectiva da Gramática cognitiva	30
2.3 Gramática de Construções e Construcionalização	37
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	45
3.1 <i>Corpus</i> da pesquisa	45
3.2 Metodologia de análise dos dados	46
3.3 Fatores de análise	47
3.3.1 Função da construção	47
3.3.2 Pessoa gramatical	49
3.3.3 Tempo-modo verbal	52
3.3.4 Preenchimento da posição de sujeito	54
3.3.5 Forma do sujeito quando preenchido	54
3.3.6 Posição da construção com <i>saber</i>	55
3.3.7 Unidade funcional escopada	56
3.3.8 Modalidade da oração	59
4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS	61
4.1 Propriedades gramaticais e construcionalidade das construções assertivas e performativas	63
4.2 Propriedades gramaticais e construcionalidade das construções performativas modais e de organização tópica	76
4.2.1 Construções performativas modais	76
4.2.2 Construções performativas de organização tópica	81
4.3 Graus de construcionalidade e relações de herança das construções com <i>saber</i>	88
5 CONCLUSÕES	95
REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo construções (pareamentos de forma e significado (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013)), com o verbo *saber* que ocorrem no português brasileiro falado, tais como as exemplificadas a seguir.

(01) Inf.: ele infelizmente des/ traiu... éh::... a confiança de quem votô(u) nele... MAS... ele mesmo sabia que ele não ia conseguí::(r) mudá(r) isso... ele... conseguiu nos enganá(r)com uma eleição... e::... éh::... éh... éh GRANDE... com::... investimento eNORme que o P.T. fez... e::... **ele mesmo sabia dentro dele que ele num ia conseguí(r) fazê(r) muita coisa** mas infelizmente... o povo... aCAba acreditando NEle e vão acreditá(r) em o(u)tros igual ele o Collor e::... e o(u)tros tantos (IBORUNA - AC073, L198)

(02) Doc.: [mas aí] eles já/ **eles já sabiam que ela [tinha caí::do]**?
 Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... sabia de tudo... ((informante pigarreia))
 aí... só/**eles so(u)beram que ela tinha morrido**... aí eles que::ria pegá(r)
 eu... que eu:: era culpado eles queriam culpá(r) alguém [Doc.: uhum
 ((concordando))] [então] culparam eu e a médica... (IBORUNA - AC105, L33)

As construções em (01) e (02) descrevem o conhecimento do referente sujeito acerca de uma proposição, que é veiculada na oração completiva.¹

(03) aí diz que pegaram um revólver... e foram na ca/ LÁ nesse local... e e:: ameaÇAram as pessoas lá... eu particularmente acho que num:: eu realmente não acredito... mas:: eu fiquei assim chocado até por NÃO acreditá(r) que essa pessoa faça isso diz que pegô(u) deu tiro na ca::sa... **isso me deixô(u) chocado porque eu sei que essa pessoa... é nervo::as violen::ta agressiva** tudo mas não chegá(r) nesse ponto de chegá(r) e::... né? a ponto de...pô uma bala podia tê(r) pego... nessa casa né? (IBORUNA - AC051, L190)

A construção em (03) descreve o conhecimento do falante acerca de uma proposição, veiculada na oração completiva. No momento da interação verbal, decorre da manifestação desse conhecimento a **indicação de certeza** sobre a verdade do conteúdo no complemento oracional.

¹ O conceito de *proposição* aqui segue Lyons (1966), segundo o qual a proposição equivale a uma entidade abstrata, a um construto mental ou “fato possível”.

- (04) mas um lugar LEGAL mesmo que eu fui foi num teatro em Ribe(i)rão Preto... que é o teatro se eu num me engano o teatro Dom Pedro... **num sei se é prime(i)ro ou segundo** mas era Dom Pedro... e éh:: esses teatros... anTIgos de época... que aparece em televisão que eles tem:: vários vários anDAres... pra:: galeria pras pessoas assistirem de cima... (IBORUNA - AC045, 223)

Na ocorrência de número (04), a função da construção é a de descrever o desconhecimento do falante acerca do conteúdo veiculado na oração completiva. No momento da interação verbal, decorre da manifestação desse desconhecimento a **indicação de incerteza** sobre a verdade do conteúdo no complemento oracional.

- (05) Doc.: qua/ éh:: que que você acha? cê acha imporTANte aSSIM... a gente tê(r)religiÃO?
 Inf.: eu a::cho
 Doc.: POR que que cê acha?
 Inf.: porque::... que a gente tem que tê(r) conTATO com DEus né?... a gente tem que::...éh:: sempre:: acrediTÁ(r)... né? nas COIsas que a genteFAZ
 Doc.: uhm::... tá e **sei que cê falô(u) pra mim que cê é muito studiOsa né?** [Inf.: uhum((concordando))] cê ACHA que é imporTANte? cê acha que tem que sê(r) estudiOSOou não? (IBORUNA - AC002, L122)

Em (05), a construção possui a função de descrever um conhecimento do falante que, no momento da interação, serve à introdução de um tópico discursivo. No caso da ocorrência em (05), por exemplo, o conteúdo veiculado no complemento oracional (*cê falou para mim que cê é muito estudiosa*) contém o tópico sobre o qual recai a indagação do documentador em seguida (*cê acha que é importante? cê acha que tem que ser estudioso ou não?*).

- (06) Doc.: bom... cê sabe cozinhá(r) alguma coisa?
 Inf.: ovo cozido... [Doc.: ((risos))] ovo cozido eu sei ((risos))... (não) eu tô brinca(n)d)o eu/...FAZ TEMpo eu antes eu::... me aventurava um pouquinho mais na cozinha mas num era gran::de coisa é um pouc/ SEI fazê(r) que::... me disseram que eu... faço bem... é a galinhada né? galinhada na cerveja
 Doc.: e como que faz?
 Inf.: eu tomo a cerveja ((risos)) e mato a galinha ((fala rindo))...[Doc.: ((risos))]
eu tô brincando eu num bebo... éh::... faz tempo que eu num faço eu sei que::... eu refogava... o duro que agora eu num tô lembran(d)o certinho num vô(u)... lembrá(r) (certinho) faz TANto tempo que eu num faço eu sei que::... eu

refogava o... a verduras lá... é que agora eu num me lem::bro... *sei que você deix/ colocava a:: cerveja... éh::... dois copos de cerveja...colocava... a galinha... depois... o frango né?... depois que tava tudo refogado aí colocava... ÉH:: legumes à gosto né?* [Doc.: aham ((concordando))] cê coloca e o de s/ o trivial cebo::la... éh:: Alho né? ocê coloca deixa (refogá(r)) e coloca cerveja a hora que tiver mais ou menos... borbulhando a cerveja você coloca a... o frango né?... faz ele... ali... o arroz faz separado... (IBORUNA-AC 075, L213)

A ocorrência (06) introduz um tópico discursivo² provisoriamente abandonado e que é retomado no andamento da conversação. No caso da ocorrência em (06), por exemplo, o falante emprega a construção *eu sei que* para retomar o tópico sobre o qual vinha discorrendo (o modo como ele faz *galinhada na cerveja*) e que interrompe, ao longo da conversação, com comentários parentéticos, como *o duro é que agora eu num tô lembrando certinho, num vou lembrar certinho, faz tanto tempo que eu num faço*.

- (07) Inf.1.: EU GOSTAVA mas a minha professora nossa foi baca::na (lá de Palesti::na)
 Inf.2.: a:: mas professor aquela época era o(u)tra coi::sa né?
 Inf.1.: E::LA senTA::va... ela por::/ punha::... é::... eu aQUI meu irmão aQUI... e ela sentava na o(u)tra carte(i)ra e ali óh::... ela ficava...explican(d)o... –“mas cês num sabe fazê(r) isso?”– nós falava assim –“não”– ... e aí óh:: negócio de Aritmética que:: te::m de porcentagem NÓS NUM SABIA NADA DAQUI::lo de [porcenTA::GEM... de nada]
 Inf.2.: [é (porque na época era)] a Matemática ho::je... de antigamente [Inf. 1: é] falava Aritmética
 Doc.2.: é:: é
 Inf.2.: é...lingua::gem o Português... era lingua::gem
 Inf.1.: então:: eu sei que ela senTA::va... EXPLICA::VA EXPLICA::VA [Doc.2:é::] e ***eu sei que nós passô(u)... e eu e ele...*** tá [certo]
 Inf.2.: [(inint.)] aí o pai (conforme queria) os filho ho::mem pa estudá(r)... a D.queria... e punha o o(u)tro o J. pa fazê(r) admissão... (IBORUNA - AI004, L71)

Em (07), a função da construção é a de introduzir um conteúdo que é indicado como o encerramento, a conclusão do tópico discursivo sobre o qual o falante vinha

² Nesta pesquisa, o tópico discursivo é caracterizado, conforme (JUBRAN, 2007), como o assunto construído pelos participantes na interação.

discorrendo. No caso em (07), o falante relata sua experiência escolar e as dificuldades que ele e o irmão enfrentavam com a disciplina de Matemática, além do modo como a professora se dedicava a lhes explicar o conteúdo. Ao final, conclui a narrativa introduzindo, por meio de *eu sei que*, o enunciado *nós passou* [na disciplina]... *eu e ele*, com o qual encerra o relato.

Conforme se observa, as construções com *saber*, tanto nas ocorrências em que indicam uma atitude proposicional de certeza (como em (03)) e incerteza do falante (como em (04)), quanto nos casos em que marcam diferentes posições de um tópico discursivo no decorrer da conversação (como em (05), (06) e (07)), mostram-se mais abstratizadas e formulaicas do que as construções com *saber* descritivas de um conhecimento do referente sujeito da oração (como em (01) e (02)). Note-se que, conforme ilustram as ocorrências dadas anteriormente, nos casos em que a construção indica uma atitude proposicional do falante ou funciona na organização tópica de uma conversação, sua forma é sempre *eu sei que* e *não (num) sei se*, diferentemente dos casos em que a construção descreve um conhecimento, cujo referente sujeito aparece na forma de pessoas diferentes da 1ª. pessoa do singular e nas quais o verbo *saber* ocorre com flexões temporais distintas da do presente do indicativo.

Essas diferenças, tanto formais quanto funcionais, que à primeira vista se revelam entre as construções com *saber*, conduzem a questionamentos acerca do grau de desenvolvimento e rigidez morfossintática que cada uma delas exibem no português atual, ou seja, seriam as construções com *saber* que atuam na organização tópica mais rígidas morfossintaticamente e, portanto, resultantes de *gramaticalização* das construções em que *saber* descreve um (des)conhecimento do referente sujeito acerca de uma proposição? A gramaticalização, como se sabe, equivale ao processo de mudança linguística por meio do qual um item lexical passa a desempenhar funções gramaticais, conforme consideram,

por exemplo, Hopper e Traugott (2003). A gramaticalização, ainda segundo esses autores, envolve a abstratização, ou dessemantização da forma que pode deixar de apenas descrever coisas, ações e qualidades e passar a indicar relações entre sintagmas ou a marcar entidades ou participantes em um discurso.

Em uma perspectiva mais recente, Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013) propõem que a gramaticalização possa estar integrada a um tipo de mudança mais amplo, a que os autores denominam *construcionalização*. A base da proposta está na consideração de que as unidades de uma língua são *construções*, isto é, pareamentos indissociáveis de forma e função, conforme concebidas em abordagens cognitivo-funcionais e, especificamente, no modelo teórico da Gramática de Construções (CROFT, 2001, 2007; GOLDBERG, 1995; 2006). A construcionalização, de acordo com esses autores, e conforme se detalha no capítulo 1 deste trabalho, diz respeito à criação de novos pareamentos forma/função e se caracteriza por aumento de esquematicidade (ou abstratização) e produtividade, e por diminuição na composicionalidade de uma forma, isto é, com a construcionalização, a forma passa a ter um significado global, independentemente do significado individual dos itens que a compõem. O processo de construcionalização, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), em geral é acompanhado por mudanças construcionais, que representariam passos de mudança até a formação de uma nova construção na língua e, entre os processos característicos de mudanças construcionais, estaria a gramaticalização, ao lado de outros, como a redução fonológica, a dessemantização, etc.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adota-se o conceito de *construção* na linha dos estudos cognitivo-funcionais, por considerar que ele permite um tratamento mais adequado principalmente das formas em que *saber* atua na organização discursiva, como marcadores de posição de tópico, e cujo valor se identifica globalmente (*eu sei que*), de

forma menos composicional. Além disso, a adoção do conceito de *construção* permite identificar os diferentes usos de *saber* em orações subordinadas completivas como diferentes construções, isto é, diferentes combinações de forma e função, encarecendo as análises com a investigação conjunta de fatores formais/morfossintáticos e funcionais/pragmáticos. Paralelamente, adota-se, neste estudo, o conceito de *construcionalização* para a investigação dos graus de desenvolvimento das formas no português falado contemporâneo, a partir da análise de seus graus de esquematicidade e composicionalidade.

Esta pesquisa focaliza, assim, três tipos de construções com *saber*, conforme ilustradas pelas ocorrências de (01) a (07): 1) construções com *saber* denotativo de (des)conhecimento; 2) construções que indicam uma atitude proposicional (de certeza ou incerteza) do falante; e 3) construções que marcam diferentes posições de um tópico discursivo na interação verbal. As construções do tipo 1 podem, de modo mais geral, ser denominadas *assertivas*, e as do tipo 2 e 3, construções *performativas*, já que cumprem funções mais diretamente relacionadas à interação verbal em andamento. Essa classificação das construções subordinadas como *assertivas* e *performativas* é proposta por Diessel e Tomasello (2001) e adotada por Verhagen (2005), também em uma perspectiva cognitivo-funcional. De acordo com esses autores:³

[...] uma oração com CTV [“verbo que seleciona complemento oracional”, do inglês *complement-taking verbs*] pode ser usada de dois modos: ou ela expressa a proposição principal de um estado de coisas complexo, ou ela veicula um aspecto específico da interação entre os interlocutores. Denominamos esses dois usos como usos assertivos e performativos, respectivamente. (DIESEL E TOMASELLO, 2001, p. 105-6)

³ Diessel e Tomasello (2001) utilizam o termo uso *assertivo* para o que Verhagen (2005) denomina uso *descritivo*. Ambos os autores analisam um amplo conjunto de construções completivas, com variados tipos de verbos na oração principal. Neste trabalho, adotamos, para a classificação geral das construções, o termo *assertivo* empregado por Diessel e Tomasello (2001), por este realçar a função interacional das formas em estudo, além de possibilitar um paralelo mais coerente com a classificação dos usos mais discursivos das construções como *performativas*. Ao longo do texto, empregamos os termos *descritivo* e *instrucional* apenas em contextos voltados à explicação/descrição do funcionamento das formas investigadas.

Convém mencionar neste ponto que, conforme revelam contextos da investigação dos dados desta pesquisa, o português falado dispõe de um conjunto de outras construções em que *saber* assume funções discursivo-interacionais (*performativas*), conforme exemplificam as ocorrências a seguir, extraídas do banco de dados utilizado nesta pesquisa:

(08) Inf.1: ... tem uma uns amigos... que::morava era vizinho meu em Votuporanga... mudaram pa Rio Preto...tiveram dois assalto de mão armada... uma Filha...junTÔ(u) o seque/ o o banDIDO... **ela é grandona mesmo sabe?**... e GORDONA ainda...(vixe) ela quase matô(u) o bandido...[virô(u) um tiroteio] (IBORUNA – AI001, L80)

(09) Inf.1.: aprendeu o a bê cê hein?

Doc.2.: uhum::

Inf.2: diz que era o manuscrito... que tinha... **num sei que livro era esse que tinha lá antigamente... sei lá...** aí ele aprendeu aquilo lá ele falava pro professor–“eu quero mais quero aprendê(r) mais”–... (IBORUNA – AI004, L227)

(10) a. Inf.: aí::... não num chegô(u) a machucá(r) ele virô(u) pra mim aí eu já saí fora do quarto aí ele veio po meu lado aí meu irmão já grudô(u) nele – “não... nele cê num vai batê(r)” – eu sô(u) mais novo se ele batê(r) em mim dá até cadeia... falô(u) – “não... nele cê num vai batê(r) não” – **aí meu irmão falava – “éh cê num sabe bebê(r) que num sei que tem que num sei que tem** se ocê soubesse bebê(r) cê num tava fazen(d)o isso aí” – aí ele::/... ficô(u) por isso aí mesmo (IBORUNA – AC015, L209)

b. tem que acabá(r) internan(d)o as pessoa tem pessoa que num ((a)güenta) nem ficá(r) interna::da vira lo::(u)ca... precisa de dro::ga porque:: como eu disse né? Droga é TUDO... e que:: –“**ah me dá um (inint.) que num sei quê::... e no::ssa no momento é muito bom:: num sei quê**” – mas num pensa nas conseqüência que vai causá(r) depo::is... (IBORUNA - AC016, L404)

c. também todo mundo fala que eu num li::go muito pra minha irmã:: mas::... quem num liga né?... ela acaba::... brigan(d)o por causa di::sso... aí minha mãe fala:: pra ela –“**a::i::quando precisa::va... num sei que lá::... e::...** quando eu fiquei do teu la::do... tudo esse tem::po::... seu pa::i paga as co::isa pra você e cê num faz na::da em tro::ca... só qué(r) sabê::(r)... de dançá::(r)... í(r) em boa::te... num qué(r) sabê(r) de mais na::da” (IBORUNA - AC011, L296)

O trecho em (08) exemplifica um uso de *saber* como marcador discursivo, cristalizado na forma *sabe?*, com o qual o falante busca uma confirmação do interlocutor sobre a compreensão do que é dito e cuja função mais ampla é a de orientar a interação verbal (URBANO, 2006).

Em (09), a construção *sei lá*, também altamente cristalizada, indica um conhecimento impreciso do falante acerca de um termo ou proposição, podendo servir a estratégias de polidez e proteção da face (TEIXEIRA, 2015).

Os trechos de fala em (10a-c), por outro lado, exemplificam construções que se equiparam formalmente (*num sei que*, *num sei que tem* e *num sei que lá*) e que parecem funcionar como indicadores da existência, pressuposta na conversação, de uma série de atos de fala cujos conteúdos se assemelhariam ao do ato produzido antes da construção e, por isso, o falante se exime de produzi-los, o que poderia soar enfadonho.

Conforme se observa, todas essas construções, essencialmente *performativas*, não mantêm, em sua constituição, índices de subordinação, tal como o complementizador *que*⁴, provavelmente por representarem processos de construcionalização avançados de usos de *saber* em contextos morfossintáticos específicos, como, por exemplo, acompanhado de negação, na primeira pessoa do singular e seguido da oração relativa *o que tem*, sendo o verbo, por vezes, substituído pelo advérbio *lá*.

Uma vez que o foco desta pesquisa é o uso de *saber* em construções subordinadas completivas típicas, ou que mantenham em sua forma índices de subordinação, como o complementizador *que*, casos como os exemplificados de (08) a (10) estão fora do escopo de investigação e não serão considerados neste estudo.

⁴ Observe-se que, mesmo nas construções *num sei que*, *num sei que tem*, é discutível se o elemento *que* constituiu um complementizador ou um pronome relativo, especialmente na segunda forma da construção, com o verbo *ter*: *num sei (o) que tem*.

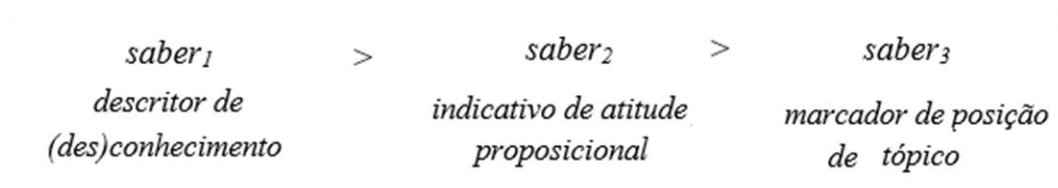
Assim delineada, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as construções com *saber* seguidas das formas conjuncionais *que* ou *se* e que desempenham no português falado três funções distintas:

- i) Descrição de conhecimento do referente sujeito acerca de uma proposição;
- ii) Indicação de atitude proposicional de certeza e de incerteza do falante;
- iii) Monitoramento da interação marcando diferentes posições de um tópico discursivo no andamento da conversação.

Como objetivos específicos, estabelecem-se os seguintes a serem alcançados com o desenvolvimento deste estudo:

- (i) analisar as ocorrências sob a ótica de diferentes fatores semânticos e morfossintáticos;
- (ii) comparar o comportamento das ocorrências, de acordo com a atuação dos fatores analisados, em busca de semelhanças e diferenças entre elas;
- (iii) estabelecer, a partir dos resultados obtidos com as análises, graus de esquematicidade, isto é, de rigidez morfossintática, de cada um dos tipos de construção analisados, com vista a se definir graus de construcionalidade possivelmente distintivos das formas analisadas.

A hipótese central desta pesquisa é, assim, a de que as construções com *saber* performativas, que indicam atitude proposicional do falante e posições de um tópico discursivo (introduz, retoma ou finaliza um tópico), mostrem-se mais construcionalizadas, mais esquemáticas e menos composicionais, do que as construções assertivas, em que *saber* funciona como um descritor de (des)conhecimento sobre um conteúdo proposicional, conforme ilustra o seguinte esquema:



Paralelamente à análise de fatores morfossintáticos, e por constituir, juntamente com a esquematicidade e a composicionalidade, critérios definidores de graus de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), investiga-se a produtividade das construções, isto é, a frequência com que ocorrem no *cópus* da pesquisa, sob a hipótese de que as formas mais esquemáticas e menos composicionais serão também as que exibem maior produtividade no *cópus* investigado.

Este texto encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a fundamentação teórica da pesquisa. Inicialmente, busca-se retomar trabalhos já desenvolvidos a respeito de orações completivas e do verbo *saber* em português, com a intenção de destacar os aspectos semelhantes e diferentes entre esses estudos e a pesquisa aqui desenvolvida. Também se apresenta, neste capítulo, a abordagem cognitivo-funcional de Langacker (2009) sobre o modo de combinação de orações e a proposta de Traugott e Trousdale (2013) acerca do processo de construcionalização.

O segundo capítulo apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa, isto é, o banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007) que constitui o *corpus* da pesquisa e os grupos de fatores utilizados na análise das ocorrências coletadas.

No terceiro capítulo, discutem-se os resultados das análises empreendidas em termos do que elas revelam quanto aos graus de construcionalidade das formas em estudo, tendo em vista a hipótese central da pesquisa. Seguem a apresentação dos resultados, as conclusões da pesquisa, as quais, de modo geral, revelam que as construções performativas se encontram em um estágio mais avançado de construcionalização em relação às construções assertivas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estudos anteriores

No âmbito dos estudos sobre a gramática do português brasileiro, várias pesquisas já foram desenvolvidas com o propósito de descrever as orações completivas, particularmente sob o paradigma teórico do funcionalismo linguístico.

Esses estudos podem ser divididos em dois grupos: os que tratam das orações completivas do português em geral e os que focalizam algum tipo especial de completiva ou de predicado que ocorre como matriz de um complemento oracional. No primeiro grupo, situam-se estudos como os de Braga (1999a, b) e Neves (2002), que destacam, entre outros fatores, os diferentes graus de integração semântica e morfossintática de orações encaixadas em relação às suas matrizes, e o estudo de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), que descrevem o comportamento das orações completivas no português falado no Brasil. No segundo grupo, encontram-se, por exemplo, os trabalhos de Sousa (2010, 2012, 2013, 2015), a respeito da gramaticalização de construções com complemento oracional (introduzidos por “se”, “que” e “como”), o de Fortilli (2013), que investiga a gramaticalização de completivas subjetivas com predicados adjetivos, além dos estudos de Casseb-Galvão (1999), sobre a gramaticalização do verbo *achar*, de Gonçalves (2003), sobre a gramaticalização de *parecer*, e o de Carvalho (2004), que investiga, também do ponto de vista da gramaticalização, o comportamento sintático e semântico de orações complexas encaixadas com verbos causativos (*mandar*, *deixar* e *fazer*) e perceptivos (*ver*, *ouvir* e *sentir*).

Além desses, Cezário (2001) analisa especificamente os graus de integração entre as cláusulas principal e subordinada⁵ no português contemporâneo e afirma que tal integração ocorre pela junção dos elementos morfosintáticos e semânticos das orações.

O verbo *saber* é considerado pela autora como verbo cognitivo que veicula modalidade epistêmica, pois possui seu sentido relacionado à cognição ao mesmo tempo em que expressa certo pensamento, crença, conhecimento, juízo ou constatação, tendo estados ou ações como complementos. Cezario examina o grau de integração dos verbos cognitivos e o apresenta como fraco, pois há pouca conexão semântica entre os eventos da cláusula principal e da subordinada no sentido de que os eventos da oração completiva se distanciam do evento expresso na oração principal. Nas construções com verbos cognitivos, segundo Cezário, há sempre um verbo de percepção ou cognição na cláusula principal, apontando um comprometimento epistêmico do falante; a cláusula secundária apresenta um estado ou ação referida pelo verbo da primeira cláusula; os argumentos dos verbos na cláusula principal e secundária não sofrem limitação correferencial. A autora conclui, assim, que as construções completivas que se constroem com verbos cognitivos, como *saber*, possuem baixa integração oracional, visto que a proposição presente na oração completiva se distancia conceptualmente do conteúdo veiculado na oração principal, o que se reflete na baixa integração morfosintática entre as orações.

Diferentemente de Cezário (2001), nesta pesquisa, *saber* é considerado como indicador de modalidade epistêmica em configurações morfosintáticas específicas: quando há flexão de 1ª pessoa do singular, ou seja, o referente sujeito é o falante, e quando há uso do tempo presente, ou seja, a referência temporal indicada é ao momento da

⁵ Cezário (2001) utiliza os rótulos *cláusula principal* e *cláusula subordinada/secundária*, alternativamente aos termos *frase* e *oração principal/subordinada*. Nesta pesquisa, porém, optamos pelos termos *oração principal/matriz* e *oração subordinada/completiva*.

interação.⁶ Além disso, considera-se que a construção expressa certeza epistêmica quando *saber* é afirmado, seguido por uma oração completiva introduzida pela conjunção *que*⁷, e expressão de incerteza quando o verbo é negado, acompanhado por oração completiva iniciada pela conjunção *se*.

Ao descreverem os tipos semânticos dos verbos encaixadores de complemento oracional, Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008) classificam o verbo *saber* como verbo de cognição que, quando usado em formas diferentes da 1ª. pessoa do singular e do tempo presente do Indicativo, funciona no português falado como um verbo que denota “conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal.” (p. 1033). Quando *saber* aparece em 1º. pessoa do singular e na forma do presente do Indicativo, por outro lado, os autores o classificam, assim como se faz nesta pesquisa, como verbo epistêmico que, segundo os autores, “indicam uma opinião do falante [...] ou seu grau de certeza e/ou seu descomprometimento com relação ao conteúdo da sentença encaixada” (p. 1035-6), bem como o classificam como predicados subjetivos que “expressam uma manifestação do falante a respeito da verdade expressa por seus complementos. (p. 1063)”. As ocorrências a seguir, que pertencem aos dados desta pesquisa, exemplificam usos de *saber* epistêmico, conforme considerado neste estudo:

- (11) a. eu já tinha ouvido falá(r) que Ubarana tinha piranha... ((barulho de moto ao fundo)) a piranha de/... de/ da água né? porque piranha... da/ fora ((rindo)) tem sempre... MAS e nós e eu/ em água eu sempre tenho medo de entrá(r)... só em piscina que eu num tenho medo que **eu sei que não tem esses bicho** mas assim... em mar::... em:: prainha assim riozinho eu tenho medo... (IBORUNA - AC062, L265)

⁶ Conforme Benveniste (1995), a avaliação subjetiva do enunciador ocorre somente por meio de verbos na 1ª pessoa, referindo-se ao próprio falante, e do tempo presente do indicativo, no ato da enunciação.

⁷ A construção prototípica afirmativa com *saber* apresenta complemento oracional introduzido pela conjunção *que*. Encontra-se entre os dados da pesquisa uma única ocorrência em que o predicado matriz *saber* afirmativo é complementado por oração iniciada pela conjunção *se*: *porque só de enfiá(r) o garfo eu já sei se tá no ponto bom* (IBORUNA - AC036, L282). Como se observa, mesmo com oração completiva com *se*, o predicado matriz com *saber* afirmado veicula certeza epistêmica do falante no momento da interação, e apenas o conteúdo da proposição veiculada na completiva é marcado como hipotético (*se está no ponto ou não*).

b. Doc.: então assim éh:: mas com relação assim à faculdade pública além de/ da qualidade de enSino... que que você Acha quais são as vantagens que a pública tem:: e uma particular... num tem?

Inf.: além do ensino que é::... bem melhor num tem... nem comparação ao esforço... ah não só os professores mais o:: pela competitiv/ competitividade que você vai tê(r) pra estu/ pra entrá(r)... num vai entrá(r) qualqué(r) um... num vai entrá(r) uma pessoa que num... num tem noção... igual vamo(s) vê(r) HOje... **hoje eu num... num sei se eu taria preparado pa entrá(r)... se eu ia conseguí(r) a/ o ritmo... deles** como na escola particular que entra qualqué(r) um. (IBORUNA - AC047, L261)

Neves (2000), em sua “Gramática de Usos do Português”, apresenta uma classificação semântica para *saber* como verbo “factivo epistêmico”, uma vez que, quando complementado por uma oração, *saber* supõe que a proposição completiva seja factual de acordo com o falante. A ocorrência a seguir ilustra esse comportamento indicado pela autora, no sentido de que o conteúdo da proposição encaixada “*é um lugar de vidro*” fica pressuposto na interação como um conteúdo factual:

(12) Inf.: tem só mais uma unidade que é só pra... pra cursinho... que::... fica perto ali da... da::... Doçura... mas eu num conheço lá... **eu sei que é um lugar de vi::dro todo de vidro...** . e que lá as classes são maiores... mas eu num posso descrevê(r) como que é (IBORUNA - AC018, L96)

Assim como demonstra Neves (2000), a factividade do verbo se revela quando se nega o predicado, e a negação não escopa o conteúdo da oração completiva, que permanece factual, como se verifica a partir da paráfrase de (12):

(12') ... eu não sei que é um lugar de vi::dro todo de vidro

Conteúdo factual pressuposto: *é um lugar de vidro, todo de vidro.*

Além desses estudos, Kapp-Barboza (2017), em sua tese de doutorado, analisa usos variados de *saber* em português sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A autora parte da premissa de que o contexto

influencia as significações do verbo e investiga a hipótese de que *saber* se mostra distinto em relação à expressão de conhecimento e à indicação de fonte da informação veiculada, a depender do envolvimento do falante e do contexto morfossintático no qual o verbo está inserido. Segundo Kapp-Barboza, verifica-se em português uma expansão semântica de *saber* que permite classificá-lo nos seguintes tipos:

- cognitivo, cuja função é a de expressar um conhecimento do falante, como em *eu sei que você mora no Rio de Janeiro*;
- informativo, por meio do qual é veiculada uma informação externa ao falante que não foi construída a partir de suas experiências ou raciocínio, como em *eu sei que eles são casados*;
- modal facultativo, relacionado a uma habilidade ou capacidade pertencente ao falante expressa no predicado da oração, como em *eu não sei falar alemão*;
- modal epistêmico, quando o verbo possibilita uma avaliação do comprometimento do falante em relação à veracidade da proposição apresentada na interação, como em *eu sei que fiz um bom trabalho*;
- evidencial reportativo, quando a indicação no verbo é a de que o falante não é a fonte da informação veiculada, como em *eu soube que ele viajou*;
- evidencial inferencial, quando o falante expressa uma informação a partir de raciocínio, experiências e conhecimento de mundo próprios, como em *Maria estuda muito, sei que será aprovada no exame*;
- evidencial dedutivo, quando o falante apresenta uma informação a respeito de um evento ou estado a partir da observação de um resultado, como em *eu sempre sei quando João está em casa, pois ele fala muito alto*.

Dados os propósitos desta pesquisa, a classificação proposta por Kapp-Barboza, que representa importante contribuição para o refinamento das distinções, principalmente

semântico-discursivas, das construções com *saber* do português, é reinterpretada do seguinte modo: os tipos *cognitivo*, *informativo* e *reportativo* são reunidos sob a classificação de *saber cognitivo*, uma vez que, nos dados analisados, há sempre nessas construções a expressão de “*um conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal*” (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008, p. 1033); os tipos *inferencial*, *epistêmico*, *evidencial* e *dedutivo*, por outro lado, são agrupados sob a classificação de *saber modal epistêmico*, uma vez que, nos dados analisados, as construções expressam sempre uma avaliação do falante, no momento da interação, sobre uma proposição e, independentemente de qual seja a fundamentação dessa avaliação (raciocínio, evidência direta ou indireta), revelada, como também considera Kapp-Barbosa, por contexto que circunda a construção com *saber*, há sempre indicação de “grau de certeza ou incerteza e/ou descomprometimento do falante em relação à proposição encaixada” (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008, p. 1035-6). Por fim, não são consideradas, nesta pesquisa, construções em que *saber* se comporta como *facultativo*, visto que o foco deste estudo recai sobre construções subordinadas, em que *saber* se relaciona a uma oração ou a uma porção textual mais ampla, e, em seu uso como facultativo, como em *Ele sabe falar alemão*, é discutível se *saber* escopa, de fato, uma oração, ou um sintagma verbal simples, como também problematizam Braga (1999) e Sousa (2007).

Sousa (2007), em estudo diacrônico sobre a gramaticalização de orações completivas com *que* e *se*, também identifica usos do verbo *saber* como descritor de um conhecimento (verbo de cognição) e como modalizador. A autora demonstra que, em seus dados, esse verbo aparece como predicado de cognição quando indica que o conhecimento expresso na proposição pertence ao sujeito da oração, e como predicado de modalidade, quando, por meio de *saber*, é avaliada a veracidade contida na proposição

do complemento oracional. Quando *saber* ocorre com complemento oracional introduzido por *que*, segundo a autora, o verbo se comporta como factivo, pois, seja ele negado ou afirmado, pressupõe que o conteúdo da proposição completiva é considerado verdadeiro pelos participantes da interação, ou seja, a informação na completiva é interpretada como factual. Quando *saber* é complementado por oração introduzida pela conjunção *se* (*Não sei se ele vem*), por outro lado, conforme demonstra Sousa (2007), o verbo comporta-se, na maior parte dos dados analisados, como um modal, sempre negado e com sujeito de primeira pessoa do singular, indicando uma incerteza subjetiva do falante.

Conforme se observa, esses diferentes estudos já desenvolvidos sobre o verbo *saber* focalizam ora aspectos semântico-discursivos desse predicator (NEVES, 2002; KAPP-BARBOSA, 2017), ora seu funcionamento como matriz de orações completivas, como parte de outros grupos semânticos que também são complementados por oração (BRAGA, 1999a, b; SOUSA, 2007, 2010, 2012, 2013, 2015); GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008; CEZARIO, 2001, CARVALHO, 2004).

Além disso, em razão dos objetivos a que se propõem esses diversos estudos, pouco são focalizados os aspectos conceitual-cognitivos das construções com o verbo *saber*, com exceção das pesquisas que investigam a integração/gramaticalização de completivas associando-as à proximidade ou distância conceitual entre os eventos combinados (CEZARIO, 2001; CARVALHO, 2004; SOUSA, 2007). Nesta pesquisa, diferentemente, busca-se correlacionar os diferentes usos de construções com *saber*, dos mais descritivos ao mais interacionais, aos modos de combinação de significados (eventos, proposições, atos de fala) em termos conceitual-cognitivos, a partir da proposta da Gramática Cognitiva, de Langacker (1987, 1991, 2009), sobre a qual se passa a discorrer a seguir. Antes, porém, apresentam-se os principais aspectos da abordagem

funcionalista para a combinação de orações, conforme proposta por Lehmann (1988) e por Hopper e Traugott (1993).

2.2 Combinação de orações na abordagem funcionalista

Na perspectiva da Gramática Tradicional, como se sabe, a combinação de orações é abordada por meio de dois processos sintáticos: a coordenação e a subordinação. Bechara (2012) define as orações coordenadas como “principais” ou “independentes” (p. 35), e as subordinadas, como orações que fazem parte de outra oração, ou seja, são orações dependentes que completam o sentido da oração principal.

Como aponta Carvalho (2004), a Gramática Tradicional relaciona, em termos formais e semânticos, as orações coordenadas à noção de independência, pois teriam autonomia semântica e sintática, e as orações subordinadas, à ideia de dependência, visto que precisariam da oração matriz para ter um sentido completo, sem autonomia semântica e gramatical. Contudo, teóricos da abordagem funcionalista, como Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), questionam a abordagem tradicional quanto à classificação dicotômica dos conceitos de coordenação e subordinação e propõem uma concepção funcional, não dicotômica e que seja tipologicamente adequada da combinação de orações complexas.

Lehmann (1988) apresenta a combinação de orações em um contínuo que vai da independência à integração máxima entre as orações, que se caracterizam por relações de parataxe, em grau máximo de independência tanto semântica quanto estrutural; relações de encaixamento, em que uma oração é parte da estrutura de outra e há total dependência semântica entre as orações; e relações de hipotaxe, quando há maior dependência semântica, porém, menor dependência estrutural entre as orações. O autor estabelece seis parâmetros para a classificação das orações no contínuo de combinação: degradação

hierárquica da oração subordinada (grau de autonomia e integração entre as orações); nível sintático do constituinte ao qual a oração é subordinada (grau de dependência dos constituintes ao qual a oração é subordinada); dessentencialização da oração subordinada (quanto maior o grau de dependência da oração, menor estatuto de oração ela terá); gramaticalização do verbo principal (processo em que um verbo mais lexical passa a ser mais gramatical); entrelaçamento de duas orações (traços semânticos que as orações têm em comum, o que torna não necessária a especificação de certos itens sintáticos); grau de explicitude da articulação (presença ou ausência de um conectivo entre elas). Lehmann afirma que quanto mais parâmetros estiverem associados a uma oração, maior grau de dependência ela terá, como em *Achamos que é preciso melhorar as condições de trabalho da empresa*, uma combinação entre orações caracterizada por encaixamento.

Hopper e Traugott (1993) concebem a sentença complexa como uma unidade com mais de uma oração e afirmam que tais unidades podem ser compostas por um núcleo com mais outro(s) núcleo(s), ou por um núcleo e uma margem ou mais de uma margem. Definem o conceito de *núcleo* como uma oração que pode estar sozinha na estrutura, e o conceito de *margem*, como uma oração que, além de não poder aparecer sozinha na estrutura, apresenta graus de dependência distintos em relação à oração com que ocorre. Os autores distinguem três graus de dependência entre as orações: parataxe, hipotaxe e subordinação/encaixamento.

A parataxe constitui-se pela justaposição entre duas ou mais orações que se caracterizam como núcleos independentes e têm, entre si, uma independência relativa, uma vez que os núcleos se relacionam por meio de inferências semânticas, como em *Rompe, corta, desfaz, abola e talha* (CAMÕES, 1978, canto III, p.51).

A hipotaxe é descrita como interdependência entre as orações. Há, nesse caso, uma associação entre uma oração núcleo e uma oração margem sem que a margem esteja contida na oração núcleo, como em: *Pedro, mesmo estando doente, foi trabalhar.*

A subordinação ou encaixamento, por fim, refere-se, segundo entendem Hopper e Traugott (1993), à combinação de orações com grau máximo de dependência, com a oração margem inserida na oração núcleo como um de seus constituintes, tal como ocorre em: *Sei que você viajou ontem.*

Conforme se buscou demonstrar nesta seção sobre a combinação de orações em perspectiva funcional, com base em Lehman (1988) e Hopper e Traugott (1993), em vez de aplicarem a dicotomia *coordenação* e *subordinação* da gramática tradicional, os estudos funcionalistas propõem um contínuo para representar a gradualidade dos graus de dependência e integração entre as orações complexas, a partir de parâmetros tanto morfossináticos quanto semântico-funcionais. Como será mostrado a seguir, para a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991, 2009), a combinação de orações também não se restringe à dicotomia coordenação/subordinação que se encontra na Gramática Tradicional. De modo complementar aos estudos funcionalistas, na Gramática Cognitiva, a articulação entre orações é concebida como a expressão de combinações de unidades informacionais com graus distintos de “perfilamento”, isto é, de enquadramentos cognitivos de entidade, fatos, eventos de modo a melhor atender a necessidade comunicativa do falante na interação verbal.

2.2.1. Subordinação sob a perspectiva da Gramática Cognitiva

Conforme já mencionado, a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991, 2009), assim como as teorias funcionalistas, não considera os termos padrão *coordenação* e *subordinação* como designações completas para os modos de combinação de orações.

Langacker (1987) afirma que termos como *coordenação*, *subordinação*, *oração relativa* e etc. não se referem a conceitos claramente definidos e não podem ser aceitos para representar um sistema classificatório adequado, sendo bastante questionável que uma única classificação consiga abranger a diversidade das construções nas línguas naturais. O autor aponta que a melhor estratégia para classificar orações combinadas seria analisar individualmente os fatores presentes na caracterização total das construções e propõe os seguintes: “(1) quanto uma estrutura se aproxima de uma oração finita; (2) marcadores de conexões inter-oracionais (como os subordinadores); (3) correspondências envolvendo orações ou elementos oracionais; e (4) aspectos de organização global (tais como a determinação do perfil⁸)” (LANGACKER, 1987, p. 419, tradução nossa).⁹

O autor defende que, em termos cognitivos, a subordinação, foco desta pesquisa, equivale a uma relação entre processos perfilados (*profiling*), os quais são caracterizados por unidades linguísticas mais salientes, ou seja, os estados-de-coisas, proposições e etc. focalizados pelo falante. Na subordinação, esses processos perfilados se combinam de diferentes modos em “janelas de atenção conceitual” (LANGACKER, 2009), que correspondem a jatos de informação que podem ser entendidos pelo interlocutor de uma só vez, e podem ser representados por uma “unidade de informação”¹⁰, no sentido de Chafe (1994).

⁸ Na Gramática Cognitiva, o *perfil* é concebido como um tipo de construção de significado que envolve a proeminência de um domínio conceitual dentro de uma base conceitual mais ampla. A base conceitual corresponde ao significado imediato de uma expressão e que é colocado em primeiro plano como alvo da atenção visual. No interior desse significado, a expressão aciona uma subestrutura particular, denominada *perfil*, tornando-a proeminente e redirecionando a atenção a ela. O perfil equivale, assim, ao que a expressão designa em relação à sua base, que é seu referente conceitual (LANGACKER, 2008). Um exemplo dado por Ferrari (2011) é o de palavras como *tio*, *pai* e *irmão*, que compartilham a mesma base conceitual – relações de parentesco – mas expressam significados diferentes (diferentes perfis) por perfilarem diferentes aspectos dessa base.

⁹ The factors to be considered are (1) how closely a structure approximates a full, finite clause; (2) markers of interclausal connections (e.g.: subordinators); (3) correspondences involving clauses or clausal elements; and (4) aspects of global organization (such as profile determinance) (LANGACKER, 1987, p. 419).

¹⁰ Uma “unidade de informação” é caracterizada como um pareamento simbólico entre uma janela de atenção conceitual e um grupo fonológico de entonação (LANGACKER, 2009).

Em termos discursivos, entende-se, nessa proposta, que a subordinação equivale a uma relação entre espaços mentais¹¹ destinados a fornecer instruções ao interlocutor acerca do domínio sob o qual uma proposição deve ser compreendida (VERHAGEN, 2005; LANGACKER, 2009). Langacker (2009) considera, nesse sentido, que a oração completiva é subordinada à oração matriz porque o relacionamento que ela designa se encaixa no espaço mental ativado pela matriz.

Para Langacker, a combinação de orações pode ser vista a partir daí como combinações variáveis de unidades de informação, em diferentes graus de perfilamento (primário/secundário) entre estados-de-coisas e proposições.

Quanto à definição de subordinação em relação às construções completivas, Langacker propõe que: “podemos então buscar definir as noções de “principal” e “oração subordinada” em termos discursivos: uma oração principal é aquela cujo perfil é mantido como tal, e uma oração subordinada, aquela cujo perfil é sobrepujado, em uma janela de atenção.”¹² (LANGACKER, 2009, p. 339, tradução nossa). Para ilustrar essa concepção, de base cognitivo-funcional, o autor apresenta os seguintes exemplos de construções completivas do inglês (LANGACKER, 2009, p. 337):

(13) a. Bush has conclusively demonstrated that evolution is only conjecture.

Bush afinal demonstrou que a evolução é apenas uma conjectura.

b. Is evolution only conjecture? Well, the president has definitely decided that it is.

A evolução é apenas uma conjectura? Bem, o presidente definitivamente decidiu que é.

c. Evolution is only conjecture, I think.

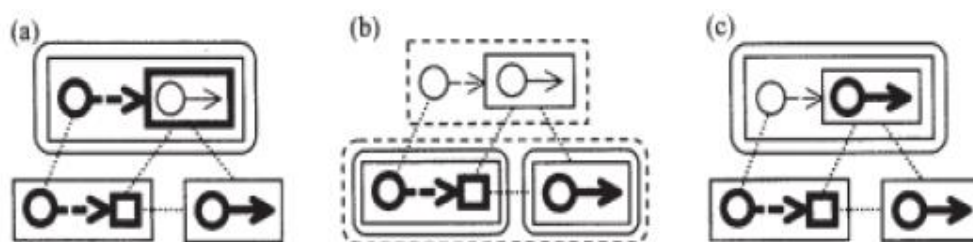
A evolução é apenas uma conjectura, eu acho.

¹¹ Espaços mentais equivalem a domínios conceituais que representam entidades e relações e que são criados no e com o desenvolvimento de uma interação (FAUCONNIER, 1985).

¹² We could then go on to define the notions “main” and “subordinate clause” in discourse terms: a main clause is on whose profile is maintained as such, and a subordinate clause one whose profile is overridden, in a window of attention (LANGACKER, 2009, p. 339).

Langacker esquematiza esses modos de combinação de orações em construções completivas do seguinte modo:

Figura 1 - Modos de integração entre oração matriz e completiva¹³



Fonte: LANGACKER, 2009, p. 338

Conforme Langacker descreve, em (a), temos uma estrutura composta, com dois estados-de-coisas concebidos de modo integrado, ou seja, dois processos perfilados comprimidos em uma única janela de atenção. Em (b), por outro lado, cada oração mantém sua própria janela de atenção, e a construção pode ou não ser concebida como uma estrutura composta, a depender de os processos perfilados serem ou não concebidos como integrados. Em (c), por fim, tem-se necessariamente uma concepção integrada de estado-de-coisas, mas não há dois relacionamentos perfilados como em (a); o que ocorre em (c) é que um relacionamento não perfilado (*acho*) serve para qualificar epistemicamente um processo perfilado (*A evolução é apenas uma conjectura*).

Esses diferentes modos de combinação entre oração matriz e completiva são, assim, concebidos como estruturas variáveis em um espectro que vai de maior a menor integração semântica e morfossintática entre as orações. Segundo o autor:

¹³ Na figura, o modo “a” representa as orações matriz e completiva, unidades em negrito, comprimidas em uma única janela de atenção; o modo “b” mostra as orações matriz e completiva, unidades em negrito, circundadas por uma linha pontilhada na janela de atenção, pois podem ser compreendidas como uma concepção integrada ou não; o modo “c” mostra apenas a oração completiva em negrito sendo perfilada na janela de atenção.

Independentemente de se a transição ocorre ou não, e se ela é abrupta ou gradual, em algum ponto ao longo do espectro a oração matriz perde algum vestígio de proeminência e torna-se decisivamente secundária ao complemento. Thompson descreve a matriz como tendo uma função “epistêmica/evidencial/avaliativa”. Diessel e Tomasello descrevem-na (para crianças pequenas) como um “marcador epistêmico”, “um captador de atenção”, ou “um marcador de força ilocucionária”. Aceitando que algo nessa linha propriamente caracteriza o fim do espectro, o desafio descritivo final é fornecer uma consideração explícita de todas as estruturas variadas que o compõem, e como elas se relacionam umas às outras sincronicamente, diacronicamente e desenvolvimentalmente.¹⁴ (LANGACKER, 2009, p. 337, tradução nossa)

Verhagen (2005) propõe que as construções completivas representam um evento, cujo tipo é indicado pelo verbo da oração principal, que integra o objeto da conceptualização dos falantes. Além disso, o autor afirma que a complementação de orações tem a função instrucional/discursiva como principal, uma vez que, por meio da oração matriz, são fornecidas instruções ao interlocutor sobre o modo como a oração completiva deve ser compreendida e, assim, é formado o objeto da conceptualização pelos participantes da interação.

Cabe observar, também, que, em termos estruturais, nas orações subordinadas completivas prototípicas - nas quais há maior nível de dependência - a oração completiva se “encaixa” na oração principal. Segundo Givón (1990), em termos semântico-conceituais, os eventos nesses casos são mais integrados semântica e pragmaticamente e há, de acordo com Hopper & Traugott (1993), presença de marcadores de ligação, como conectivos, entre as construções. Assim, conforme também se hipotetiza com esta pesquisa, construções em que *saber* atua com funções descritivas seriam, por um lado,

¹⁴ Wherever the transition occurs, and whether it is abrupt or gradual, at some point along the spectrum the matrix clause loses any vestige of prominence and becomes decidedly secondary to the complement. Thompson describes the matrix as having an “epistemic/evidential/evaluative” function. Diessel and Tomasello describe it (for young children) as an “epistemic marker”, an “attention getter”, or a “marker of illocutionary force”. Accepting that something along these lines properly characterizes one end of the spectrum, the ultimate descriptive challenge is to provide an explicit account of all the varied structures that constitute it, and how they relate to one another synchronically, diachronically, and developmentally. (LANGACKER, 2009, p. 337)

casos de maior integração conceitual, e construções em que *saber* exibe funções interacionais, por outro lado, casos de menor integração.

Quanto às construções analisadas nesta pesquisa, estas poderiam ser enquadradas nos modos de combinação de orações proposto por Langacker (2009), e seguindo a proposta de Verhagen (2005) sobre funções descritivas e instrucional/discursivas das construções completivas, da seguinte forma: o modo “a” conteria as construções com *saber* com uso descritivo, como em (14); e o modo “b”, as construções que podem ser concebidas como integradas ou não, como (15 a-b); e o modo “c”, os usos de *saber* com funções mais discursivas, como em (16).

(14) a. eu fui comprá(r) mandiOca...que minha mãe peDIU... pa fazê(r) na na janta no almoço num sei e **ele num sabia que a mandioca dava no chão** ((risos))... ele pensava que mandioca dava na ÁRvore é hora que eu/ [Doc.: ((risos))] eu tirava sarro nele né?... (IBORUNA - AC129, L71)

(15) a. Doc.: de(i)xa eu vê(r) que mais que cê pode me falá(r)...*que que cê acha assim de tê(r) um pai que é professor de:: Latim::* que é uma língua que ninguém fala hoje em di::a como que cê vê isso? cê acha legal::? cê acha assim –“ah pai... tem tanta coisa pra ensiná::(r) pra estudá(r) cê vai estudá(r) Latim?”– que que cê acha?

Inf.: eu acho o cúmulo porque... como tipo (inint.) (ela perguntô(u) assim) – “como que dá aula de Latim que já é uma língua morta e num sei o quê?”... eu –“ah eu num sei **eu sei que eu tenho que agüentá(r) ele**”–((risos)) estudan::do quando quando tem prova de::...Português na minha escola... nossa pega ele pra estudá(r) sai de ba(i)xo que ele fala Latim... o (tempo) inTE(i)ro (IBORUNA - AC020, L193)

b. Inf.1.: mas parece que é quatro ano que tem a criança num é?

Inf.2.: **eu num sei se é três ou quatro** [Inf.1: (acho que é quatro)] falô(u) mas eu num lembro... ago::ra nem que é filha... agora a culpada é a MÃE... que elas/ essas mulher hoje tá um tal de larga do maRido e junta com O(u)tro... (IBORUNA - AI002, L70)

(16) ele tá lá até hoje né?... ele tá jogan(d)o bempa caramba tam(b)ém... aí né?... o meu intuito era matá(r)ele e conseguí(r) até::... dá(r)umas cacetada nele né?... só que ele num chegô(u) a morrê(r)... aí eu/ acho que:: se eu num me engano O COLAR explodiu... não... acho que é:: mais sério num lembro como é que foi que mataram ele... **sei que explodiu alguma coisa lá** teve uma explosão::... nojogo foi uma explosão eNORme né? (IBORUNA - AC015, L775)

Em (14), as orações matriz e subordinada se combinam no modo “a”, uma vez que há uma concepção integrada de estado-de-coisas e os dois processos, *ele num sabia que* e *a mandioca dava no chão*, são perfilados e estão contidos na mesma janela de atenção conceitual, indicando uma maior integração entre as orações.

A oração com *saber* em (15-a) caracteriza-se pelo modo “b” de combinação, pois pode ser interpretada tanto como a expressão de um conhecimento do falante, em uma concepção integrada dos conteúdos das orações, quanto como indicação de certeza epistêmica, em uma concepção menos integrada dos conteúdos, com o perfilamento apenas da oração completiva. A ocorrência em (15-b), com função modalizadora epistêmica de incerteza, também é caracterizada como modo “b”, pois pode ser compreendida tanto como um desconhecimento, e os processos *eu num sei se* e *é três ou quatro* serem ambos perfilados, quanto como a expressão de incerteza pelo falante, com apenas o processo *é três ou quatro* perfilado na janela de atenção, e o processo *eu num sei se* qualificando epistemicamente a oração subordinada.

Em (16), as orações se combinam como no modo “c”, pois somente o conteúdo da oração subordinada (*explodiu alguma coisa lá*) equivale um processo perfilado na janela de atenção, enquanto as construções com *saber* (*sei que*) se comportam como relacionamentos não perfilados, utilizados para organizar ou monitorar a interação. Supõe-se, nesta pesquisa, que, em correspondência a essas distinções cognitivo-conceituais, as construções exibam diferenças gramaticais que ratifiquem a sua concepção como construções funcionalmente distintas em português, ainda que relacionadas.

Na próxima seção, apresentam-se a teoria da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001) e a proposta de abordagem da mudança gramatical nessa perspectiva, por meio do processo de *construcionalização*.

2.3 Gramática de Construções e Construcionalização

A Gramática de Construções é uma teoria linguística advinda da Linguística Cognitiva, representada principalmente por Goldberg (1995) e Croft (2001). Aliada aos pressupostos da abordagem da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções propõe um modelo geral de representação gramatical, baseado nas experiências cognitivas a que os indivíduos estão expostos e que de algum modo interferem no uso que fazem da língua (CROFT, 2001, 2007).

Croft (2007) aponta que o modelo da Gramática de Construções busca uma representação sintática para a Linguística Cognitiva, ao estabelecer que as construções são: (i) a forma básica de estruturas sintáticas; (ii) pareamentos entre forma e significado; e (iii) organizadas em redes na mente dos falantes.

Goldberg (1995) define uma construção como um par de forma-significado que contém, independentemente de seus elementos constituintes, um sentido próprio. A autora afirma que as “estruturas semânticas particulares unidas à sua expressão formal devem ser consideradas construções independentemente dos itens lexicais que as instanciam” (GOLDBERG, 1995, p. 1, tradução nossa).¹⁵

De acordo com a abordagem da Gramática de Construções, as construções – unidades mínimas da gramática – se organizam na mente dos falantes na forma de redes construcionais, que equivalem a um inventário no qual as construções, por relações de herança, compartilham propriedades e “todos os elementos linguísticos estão potencialmente conectados entre si” (DIESSEL, 2015, p. 301, tradução nossa).¹⁶

¹⁵ Particular semantic structures together with their associated formal expression must be recognized as constructions independently of the lexical items which instantiate them (GOLDBERG, 1995, p. 1).

¹⁶ ...a network model in which all linguistic elements are potentially connected with each other (DIESSEL, 2015, p. 301).

Segundo Goldberg (1995), as redes podem ser organizadas de acordo com dois princípios: o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não Sinonímia. O Princípio da Motivação Maximizada determina que, se duas construções são sintaticamente relacionadas, elas podem ser motivadas semântica ou pragmaticamente. Como exemplo, Goldberg apresenta a relação de herança por laços metafóricos das construções em inglês *He pushed the piano into the room* (*Ele empurrou o piano para a sala*), uma construção que expressa um movimento causado, e *He gave the book to Sarah* (*Ele deu o livro para Sarah*), uma construção dativa. De acordo com a autora, a semelhança entre a estrutura argumental das duas construções se explica em razão de a construção dativa, indicativa de transferência de posse, herdar metaforicamente o esquema sintático da construção indicativa de movimento causado, uma transfência física. Na estruturação dos sistemas gramaticais das línguas, segundo a autora, essa relação de herança entre construções, motivada por vínculos conceituais metafóricos, é maximizada, de modo a permitir a criação, aquisição e uso de um número infinito de construções.

Já o Princípio da Não Sinonímia estabelece que, se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente. Goldberg (1995) ilustra a atuação desse princípio demonstrando que não se pode considerar que haja relações de derivação, por simples vínculo conceitual, entre construções bitransitivas do inglês, como *I sent him a package* (*Enviei para ele um pacote*), cujo foco é o objeto (*package*), e construções dativas, como *I sent a package to him* (*Enviei um pacote para ele*), cujo foco é o recipiente (*him*). Assim, de acordo com o princípio da Não Sinonímia, as sintaxes minimamente distintas das construções fazem com que, na organização das construções na mente do falante, não haja nenhuma ligação sintática de derivação entre elas, e as construções apenas se relacionam pragmaticamente.

Os estudos de Goldberg (1995, 2006), que seguem essencialmente a linha de Croft (2001, 2007), voltam-se a análises da relação sintática entre as construções de uma língua, em especial, as construções bitransitivas, dativas e de movimento causado, e do modo como, a partir dessas relações, pode-se chegar a generalizações sobre a organização dos sistemas gramaticais e das estruturas linguísticas na mente dos falantes, na forma de redes construcionais. Não é objetivo dos estudos de Goldberg focalizar a criação de construções a partir de processos de mudança linguística.

Recentemente, Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013) propõem estender os pressupostos da Gramática de Construções à abordagem da mudança linguística, a partir do estudo do que os autores denominam processos de construcionalização.

Primeiramente, os autores esclarecem que concebem *construção* no mesmo sentido de Croft (2001, 2007) e de Goldberg (1995), isto é, como um pareamento de forma e significado que pode ser analisado em termos de tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito designado.

Quanto ao tamanho de uma construção, essa pode ser *atômica*, composta apenas por um monomorfema, *complexa*, formada por *chunks*, ou *intermediária*, constituída por uma parte analisável e outra não. O conceito de *chunk* é definido por Bybee (2010), a partir de Newell (1990), como uma unidade de organização na memória que pode ser incorporada a outro *chunk* já presente na memória do falante e formar uma unidade maior.

Como exemplo de uma construção atômica, Traugott e Trousdale (2013) citam o prefixo *-un* (indicativo de negação em inglês), a construção *on top of* (*em cima de*), como exemplo de construção complexa formada por *chunks*, e *bonfire* (*fogueira*), como exemplo de construção intermediária, pois se pode reconhecer e analisar *fire*, mas não *bon*.

No tocante ao grau de especificidade fonológica, as construções podem ser: *substantivas*, quando há maior especificidade dos itens que preenchem a construção, como o item lexical *red* (*vermelho*); *esquemáticas*, se se trata de uma construção abstrata, como uma construção ISA (inversão sujeito-auxiliar); ou *intermediárias*, formadas por uma parte substantiva e outra esquemática, como no exemplo citado por Traugott e Trousdale (2013) *what is X doing Y* (*o que X está fazendo Y*), que se realizam em construções como *what is that fly doing in my soup?* (*o que essa mosca está fazendo na minha sopa?*).

O último critério de classificação das construções dado por Traugott e Trousdale (2013) – o tipo de conceito veiculado pela construção – está relacionado à caracterização de uma construção como *lexical*, cujo conceito refere-se a entidades do mundo socio físico, ou como *procedural*, cujo conceito é abstrato e indica relações, perspectivas e orientações dêiticas, como ocorre com as classes de palavras gramaticais, como conjunções, preposições, etc.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que, de modo geral, uma construção pode ser caracterizada nessas três dimensões, como a construção *red*, classificada como *atômica*, *substantiva* e *lexical*, ou como a construção do tipo ISA (inversão auxiliar-sujeito), definida como *complexa*, *esquemática* e *procedural*.

O processo de construcionalização, de acordo com Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013), corresponde à criação de pareamentos entre forma e sentido e pode afetar qualquer uma das dimensões em que as construções se classificam. Ainda segundo os autores, é característica do processo de construcionalização a presença de alterações nos graus de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* das formas.

A propriedade *esquematicidade* relaciona-se à abstratização e à generalização das formas presentes em uma construção, ou seja, ao aumento ou à diminuição da

abstratização semântica e sintática da construção ao longo do processo de construcionalização. Conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), com a construcionalização, a esquematicidade das formas se expande, ou seja, quanto maior for o grau de esquematicidade de uma forma, de acordo com essa proposta, maior será o seu grau de construcionalização.

Além da abstratização do significado das formas, a esquematicidade também pode estar relacionada ao seu grau de generalização. Conforme Traugott e Trousdale exemplificam, uma construção indicadora de causa e recebimento com o verbo *to give*, como em *I gave John a cake* (Dei um bolo para John), formada por [SUJ V OBJ1 OBJ2], mostra-se mais esquemática em comparação à construção, também indicativa de causa e recebimento, por meio do verbo *to bake*, como em *I baked John a cake* (Fiz um bolo para John), formada por [SUJ bake OBJ1 OBJ2], pois a primeira é constituída por um verbo mais generalizado (*to give*), e a segunda, especificada pelo verbo menos generalizado com esse sentido (*to bake*).

Conforme apresentam Traugott e Trousdale (2013), a propriedade *produtividade*, o qual também se expande no processo de construcionalização, refere-se ao modo como surgem na língua novas formas de construção ou novos usos para padrões construcionais já existentes. Segundo os autores, esse surgimento está ligado à frequência *token*, relativa à “frequência de ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, em um texto”¹⁷ (BYBEE, 2003, p. 10, tradução nossa), e à frequência *type*, relacionada à “frequência de dicionário de um padrão específico”¹⁸ (BYBEE, 2003, p. 10, tradução nossa). Um exemplo de expansão de produtividade que ocorre com a construcionalização de uma forma, dado em Traugott e Trousdale (2013), é a marca de passado pelo sufixo -

¹⁷ TOKEN FREQUENCY is the frequency of occurrence of a unit, usually a word, in running text (BYBEE, 2003, p. 10).

¹⁸ TYPE FREQUENCY refers to the dictionary frequency of a particular pattern (BYBEE, 2003, p.10).

ed em novos verbos do inglês. Visto que a maior parte dos verbos, quando conjugados no passado, recebem o sufixo *-ed* (como em *play – played*), mesmo que haja verbos que não sigam tal regra (cf. *drink – drank*), a maioria dos verbos novos introduzidos no inglês são marcados pela forma de passado mais produtiva, como *skype – skyped*. Assim, percebe-se que as frequências *token* e *type* podem influenciar o surgimento de novas formas e, conforme Traugott e Trousdale (2013) afirmam em relação ao aumento da produtividade de uma construção no processo de construcionalização, “construções individuais com alta frequência de ocorrência são mais prováveis de serem fixadas e, portanto, disponíveis como modelos” (p. 212), ou seja, a frequência *token*, relativa às unidades, estimula a frequência *type*, relativa ao padrão.

A propriedade *composicionalidade*, por outro lado, é reduzido no processo de construcionalização. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a composicionalidade refere-se ao grau de transparência entre a forma e seu significado ou função. Quando há maior composicionalidade, o falante e o ouvinte compreendem as partes de uma construção separadamente, ao passo que, quando há menor composicionalidade, a compreensão se faz como um todo, a partir da apreensão da construção em seu sentido global (em um único *chunk*). De acordo com os autores, há, porém, casos em que uma mesma construção pode apresentar graus distintos de composicionalidade, a depender da interpretação que lhe é dada no contexto da interação verbal. A construção *pulls my leg* na sentença do inglês *My yoga instructor sometimes pulls my leg* (*Meu professor de ioga, às vezes, puxa minha perna / Meu professor de ioga, às vezes, tira sarro de mim*), por exemplo, se interpretada literalmente e de modo composicional, refere-se à ação de puxar a perna do aluno, mas, se houver uma interpretação não composicional, a expressão refere-se ao ato de o instrutor zombar do aluno.

Conforme se buscou demonstrar nesta seção, a construcionalização diz respeito à criação de novas construções ou ao surgimento de novos usos para construções já existentes no sistema gramatical de uma língua. É acompanhada, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), por expansão dos graus de esquematicidade e produtividade, e por redução da composicionalidade das formas. Durante o processo de construcionalização, os itens passam por diferentes graus de abstratização até atingirem o grau máximo de esquematicidade, sendo classificados hierarquicamente como:

- macroconstruções: pareamentos de forma-significado definidos por estrutura e função, como partitivo, construção modificadora de grau, etc;
 - mesoconstruções: conjuntos de construções específicas com comportamentos similares,
 - microconstruções: construções types individuais;
 - construtos: os tokens empiricamente atestados que constituem o lócus da mudança.¹⁹
- (TRAUGOTT, 2008, 236, tradução nossa).

No desenvolvimento desta pesquisa, de natureza sincrônica, a construcionalização é observada por meio da análise de fatores, tanto semântico-funcionais quanto morfossintáticos, indicativos dos diferentes graus de esquematicidade e composicionalidade das construções com *saber* assertivas e performativas no português falado. Paralelamente, investiga-se a frequência de uso das construções, com vistas a analisar a produtividade dos padrões e o modo como a frequência de ocorrência interage com a natureza mais ou menos construcionalizada, em termos de esquematicidade e composicionalidade, das formas em estudo.

¹⁹ – macro-constructions: meaning-form pairings that are defined by structure and function, e.g., Partitive, or Degree Modifier Constructions, etc.,

– meso-constructions: sets of similarly-behaving specific constructions,

– micro-constructions: individual construction-types,

– constructs: the empirically attested tokens, which are the locus of change (TRAUGOTT, 2008, 236).

Na seção a seguir, apresentam-se os aspectos metodológicos da pesquisa, especificamente, o corpus de fala utilizado e os fatores estabelecidos para a análise dos graus de construcionalização das construções com *saber* investigadas.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 *Corpus* da pesquisa

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, o universo de investigação foi constituído por dados reais de uso da língua. Assim, elegeram-se como *corpus* da pesquisa as amostras de fala que integram o banco de dados IBORUNA, sediado na UNESP de São José do Rio Preto. Trata-se de um banco de dados elaborado pelo projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), “uma iniciativa do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, (GPGF) do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2002 e 2003, em razão do interesse dos membros do grupo em trabalhos de descrição do português falado e escrito” (GONÇALVES, 2007).

O banco de dados é composto por gravações de fala representativa de 07 cidades da região de São José do Rio Preto, situada à noroeste do estado de São Paulo, coletadas entre os anos de 2003 e 2007. As amostras são divididas em dois tipos: Amostra Censo e Amostra de Interação Dialógica.

A Amostra Censo é formada por 151 gravações de fala controladas sociolinguisticamente, cada uma dividida em cinco tipos de texto: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

A Amostra de Interação, por sua vez, constitui-se de 11 registros de fala coletados, de forma secreta, em situações livres de interação entre dois ou mais informantes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizam-se todos os inquéritos que compõem o IBORUNA, aplicando-se a mesma classificação das gravações na Amostra Censo e na Amostra de Interação Dialógica empregada na constituição original do banco de dados.

3.2 Metodologia de análise dos dados

Para a análise dos dados e sistematização dos resultados, empregou-se metodologia de análise tanto qualitativa quanto quantitativa. Desse modo, os dados coletados foram analisados de acordo com os grupos de fatores apresentados na seção seguinte, destinados à análise das propriedades gramaticais caracterizadoras dos diferentes usos e dos graus de construcionalidade das construções com *saber* analisadas.

Após análise e codificação das ocorrências segundo a atuação desses fatores, as ocorrências foram submetidas ao programa estatístico Goldvarb (SANKOFF, SMITH; TAGLIAMONTE, 2005). Com o programa, é possível realizar estudos, principalmente sociolinguísticos, pautados por análises quantitativas utilizando variantes escolhidas pelo próprio pesquisador de acordo com o conjunto de dados a ser investigado. Para iniciar a investigação, é preciso definir quais serão as variantes linguísticas, bem como o banco de dados. Em seguida, os dados são obtidos, transcritos e codificados (o pesquisador elege um código para cada fator das variantes, por exemplo: “a” para verbos conjugados na primeira pessoa do singular; “b” para verbos conjugados na terceira pessoa do singular, etc.). Por fim, os dados são quantificados e pode-se, então, interpretar os resultados obtidos, a partir do cotejo entre os resultados quantitativos e as hipóteses investigadas a respeito dos diferentes usos e significados das construções em processos de variação e mudança linguísticas.

Uma vez que a pesquisa desenvolvida não se caracteriza como sociolinguística, por não envolver a análise da distribuição social de variantes²⁰, com a utilização do

²⁰ Como se sabe, nos estudos sociolinguísticos de orientação laboviana, variantes linguísticas equivalem a diferentes formas de expressão de uma variável, ou seja, de se dizer a mesma coisa (LABOV, 1972; TARALLO, 1990)

Goldvarb, buscou-se apenas obter resultados percentuais seguros de aplicação conjunta dos fatores e, com isso, definir as propriedades típicas de cada uso das construções estudadas.

3.3 Fatores de análise

Nesta seção, apresentam-se os fatores investigados na análise dos dados coletados. Cada um dos fatores é exemplificado com ocorrências que integram o *corpus* desta pesquisa.

3.3.1 Função da construção

As ocorrências coletadas, compostas por *saber* acompanhado de oração iniciada por *que* ou *se*, foram primeiramente classificadas conforme as duas funções semântico-pragmáticas maiores desempenhadas pelas construções: função assertiva e função performativa.

No programa Goldvarb, essa função das construções foi utilizada como variável dependente, de modo que o comportamento dos fatores semântico-gramaticais, selecionados para investigar os graus de construcionalidade das formas, pudesse ser analisado em correlação direta com a função a que as construções servem nas interações verbais.

Foram classificados como *assertivos* os dados em que *saber* se comporta como verbo de cognição e “expressa conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal” (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008, p. 1033. Os usos assertivos das construções com *saber* nos dados da pesquisa são exemplificados em (17) e (18):

(17) aí ele foi... falá(r) pra diretora que ele ia voltá(r) pra de manhã aí a diretora falô(u) que num tinha vaga... [Doc.: hum] aí a minha mãe falô(u) que Tinha vaga assim **minha mãe sabia que tinha** e ela num queria... agora num sei porque... ela num queria dá(r) a vaga pro V.... (IBORUNA - AC006, L441)

(18) Inf.: ele infelizmente des/ traiu... éh::... a confiança de quem votô(u) nele... MAS... **ele mesmo sabia que ele não ia conseguí::(r) mudá(r) isso**... ele... conseguiu nos enganá(r)com uma eleição... (IBORUNA - AC073, L196)

As funções *performativas* das construções estão ligadas a orientações dadas pelo falante quanto à organização discursiva do que produz, ou quanto à natureza semântico-pragmática do ato de fala proferido. Incluem-se nesse grupo construções em que *saber* atua como *introdutor*, *re-introdutor* ou *finalizador de tópico discursivo* e como *modalizador epistêmico de certeza ou incerteza*, conforme se detalha a seguir.

i) **Modalizador epistêmico**: *saber* veicula, além de conhecimento, uma certeza ou incerteza do falante sobre a validade da proposição veiculada na oração completiva (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008).

(19) Inf.: bom os meus amigos da escola... eles são... tem quatro pessoas assim que eu vô(u) sentí(r) muito falta sabe? quando eu terminá(r) o a::no... agora o resto não... **porque eu sei que num é amigo**... que é só colega MESmo... (IBORUNA - AC042, L250)

(20) ela tem um primo que:: mora junto... e:: uns tempo atrás uns TRÊS quatro meses atrás já aconteceu isso já... ele se envolveu nu::/ nu::ma ro(u)BAda num:: foram tentá(r)... o que contô(u) pra ela a vó dela que tava contan(d)o eles tava/ saiu à noi::te **eu não sei se é MÁ companhi::a ou não** mas provavelmente é... foram tentá(r) ro(u)bá(r) o toca C.D. de um carro e pegá(r) o carro pa andá(r) na noite... (IBORUNA - AC071, L94)

ii) **Introdutor de tópico**: serve para que o falante faça uso de um conhecimento disponível para introduzir um tópico ainda não mencionado no discurso.

(21) Doc.: **J. eu sei que cê gosta de í(r) bastan::te lá na cidade da sua avó** como que é essa cidade?
Inf.: é assim uma cidade pequena né? (IBORUNA - AC048, l256)

- iii) **Re-introdutor de tópico:** possibilita que um tópico já iniciado, porém interrompido, seja retomado na interação pelo falante.

(22) depois ele foi me contá(r) a história *eles pegaram foram num sítio...* pra:: pra... pra:: porque um o(u)tro falô(u) assim – “J. vamo(s) ro(u)bá(r) um um um:: PORco?” – e o o(u)tro mais lo(u)co ainda pegaram a garrafa e foram... ***eu sei que eles chegaram no sítio...*** entran(d)o no sítio tinha um um:: negócio de galinha lá [Doc.: ham] galinhe(i)ro... mataram uma galinha e de(i)xaram na porte(i)ra... ((risos)) destroncaram a galinha e de(i)xaram na porte(i)ra...de(i)xaram a galinha na porte(i)ra e foram dá(r) uma volta né?((risos))... aí ficava um cercan(d)o o porco daqui cercan(d)o o porco de lá... (IBORUNA - AC079, L46)

- iv) **Finalizador de tópico:** permite ao falante indicar que um ato de fala é conclusivo/final em relação a atos produzidos anteriormente (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008), a respeito de um tópico discursivo em desenvolvimento na interação.

(23) Inf.: Deus me livre e o medo que nós passamo(s)... segundo uma professora a arma tava... é carregada [Doc.: uhum] só que a hora que que o menino falô(u) que a que o policial tava lá ele descarregô(u) e deu fim [nas bala] [Doc.: nas bala] então a hora que a policia pegô(u) só tava a arma mesmo... mas ela falô(u)que pelo movimento da classe tava tava carregada... só que a hora que a polícia chegô(u) só tava::... a arma... aí levaram ele lá pa:([delegacia] [Doc.: delegacia] aí depois num [num sabe o que aconteceu]Doc.:([num sabe o que aconteceu])
 Inf.: ***só sei que ele voltô(u) que ele não foi preso*** [Doc.: aham((concordando))] que ele ficô(u) aí ele voltô(u) e a diretora deu cinco dia de suspensão pra ele... e vai encaminhá(r) ele po conselho tutelar [Doc.: uhum] mas lá na delegaci::a como que ele...que que aconteceu lá eu num sei (IBORUNA - AC078, L74)

3.3.2 Pessoa gramatical

Com a análise da pessoa gramatical indicada em *saber*, busca-se investigar possíveis correlações entre esse fator e o uso das construções como assertivas, de modo a averiguar se há prevalência de determinadas formas pessoais a depender da função a que a construção serve. Para as construções peformativas, somente se analisa a variabilidade da pessoa gramatical quanto ao uso da primeira pessoa do singular ou plural,

uma vez a presença de primeira pessoa é pré-determinada pelas funções interacionais de organização tópica ou avaliação subjetiva desempenhada por essas construções.

Nos dados analisados, *saber* aparece em (i) 1ª pessoa do singular (*eu*), (ii) 2ª pessoa do singular (*você*), (iii) 2ª pessoa do singular com conteúdo indeterminado (*você*)²¹, (iv) 3ª pessoa do singular (*ele, ela, SN no singular*), (v) 3ª pessoa do singular com conteúdo indeterminado (*todo mundo*)²², (vi) 1ª pessoa do plural (*nós, a gente*)²³ e (vii) 3ª pessoa do plural (*eles* ou SN plural), conforme exemplificado a seguir:

1ª pessoa do singular

(24) ele pegô(u) e falô(u) assim – “não... eu te dô(u) um prazo até seu aniversário até dia treze de março pra você contá(r) pro seu pai” –... e isso eu acho que era:: em fevere::(i)ro... tipo dia::... era dia:: era treze de fevere(i)ro eu tinha um prazo de um mês... – “se você não contá(r) pro seu pai...eu não vô(u) querê(r) mais” –... aí eu falei –“ah então tá bom” –... e aquele me::do aquele medo e **eu sei que eu acabei contan(d)o po meu pai na última semana de fevere(i)ro...** eu aproveitei um dia que tava calmi::nho cheguei... e já já falei que eu tinha encontrado... uma pesso::a que queria namorá(r) sé::rio que ele gostava de mim:: que eu gostava de::le... (IBORUNA - AC046, L101)

(25) o valor tava ba(i)xo... tava inferior... e ele tinha me questionado quantos cheques eu tinha pego na mão... eu falei... – “peguei três cheques” –... – “(falô(u))... não mas eu te dei quatro” –... sabe?... aí começô(u) aquela::... con/ confusão assim... (inint.) **eu num sabia se eu tinha pego três ou se tinha pego quatro...** mas eu lembro que antes de depositá(r) que eu contei... que eu somei os valores eu sabia que tinha três... aí ficô(u) aquele clima... super chato sabe?... (IBORUNA - AC043, L13)

2ª pessoa do singular

(26) eu gostava a gente era:: né?... ah mais óia tive que largá(r) [Doc.: é?] ah teve que largá(r) porque o pai num aceitô(u) mesmo num aceitô(u) e a gente obednécia o pai e a mãe antigamente né? **cê sabe que a gente [obedecia né?][Doc. é:: é]** porque hoje num obedece né?...[porque esses filho de hoje

²¹ A classificação de 2ª pessoa do singular com conteúdo indeterminado se aplica quando há o pronome *você*, porém o sujeito não é o interlocutor, mas, sim, um sujeito indeterminado, em uma construção equivalente a *sabe-se*.

²² A classificação de 3ª pessoa do singular com conteúdo indeterminado foi empregada quando a forma *todo mundo* é usada sem fazer referência a um sujeito específico, com sentido de *é sabido por todos*.

²³ Além de *nós*, a forma *a gente* foi considerada como 1ª pessoa do plural, pois, embora a flexão seja, em geral, a de 3ª. pessoa do singular, considera-se que semanticamente o falante está envolvido na referência do sujeito, o que pode, a princípio, ter implicações para os usos da construção que envolvem maior subjetividade, como os usos modais de *saber*.

tem que sê(r) mais (difícil) é] [Doc.: hoje:: não tem jeito né? dona T.] ... então eu larguei... aí depo::is

Doc.: esse foi o prime(i)ro namorado? (IBORUNA - AC122, L12)

- (27) Doc.: o que aconteceu assim que te levô(u) a:: ao casamento terminá(r) assim [Inf.:hum] o que foi marc/ MAIS marcante que levô(u) teu casamento a terminá(r) assim na sua vida?

Inf.: é casamento **cê sabe que casamento difícil** então tem que tê(r) muito diá::logo então... eu trabalhava muito num serviço muito cansativo... então foi um/ ah óh u/ (fa/vo/ foi uma coisa séria né?... aconteceu assim adultério né? no casamento né?... (IBORUNA - AC089, L23)

2ª pessoa do singular com conteúdo indeterminado

- (28) “olha a mãe ficô(u) ruim teve uma parada respirató::ria... o caso dela num é tão simples é mais complicado::” – uma hora depois cê tá ali... em casa:: e recebe a/ uma ligação cê já fica... **você num sabe se (pensa) o lado bom ou seu lado ruim...** quando eu atendi o telefone a minha irmã já com a notícia que a mãe tinha falecido tal... aí depo::is conversando revendo ali o laudo do médico né... (IBORUNA - AC057, L55)

3ª pessoa do singular

- (29) eu trabalhava na emergência do hospital nessa época... então o pai era aqui perto de/ do trevo deSchmidtfoi por aí que aconteceu o acidente ta/ éh vieram... éh... o pai que estava c’a criança no colo embrulhada num cobertor... mas a criança já tava morta mas **ele num sabia que a criança tava morta** e a hora que eu... ele me JOGÔ(U) a criança no meu braço me falava assim gritava –“SALva meu filho salva meu filho”–... (IBORUNA - AC105 , L63)
- (30) porque eu tinha uma infecção né? **e ninguém sabia que eu tinha essa infecção...** então eu ficava choran(d)o eles num sabiam_o que que era e eu ficava choran(d)o... (IBORUNA - AC042, L107)

3ª pessoa do singular com conteúdo indeterminado

- (31) prime(i)ro que isso num é uma decisão que cabe ao povo... à população... já que o problema... é mesmo o desarmamento... é mesmo a criminalidade morte é um... uma decisão que tem que tomá(r) eles mesmos... eles já tem ciência **todo mundo sabe que vai dá(r) ‘sim’...** [Doc.: uhum ((concordando))] todo mundo sabe que o final dessa votação vai sê(r) ‘sim’... (IBORUNA - AC050, L375)

1ª pessoa do plural

- (32) Ele acaba conseguindo se/ a ficá(r) JUNto com os o(u)tros alunos que seriam de escola... escolas particulares entendeu?... então depende da universidade... se toda a universidade tivê(r) Isso...mesmo os/ que o aluno viê(r) de uma escola estadual... que... **infelizmente ho::je nós sabemos que a escola**

estadual é bem inferior do que a particular... (IBORUNA - AC055, L209)

- (33) MAS a questão de segurança tripliCÔ(U)...antigamente no aeroporto de Rio Preto nu::m tinha raio X... passage(i)ro chega::va... **a gente sabia o nome de::le... saBia que era ele...** hoje não a gen/ por mais que a gente coNHEça a gente tem que lançá(r)... o no::me sobreno::me...R.G.... C.P.F. e...praticamente o passage(i)ro... PERde mais tempo:: se identificando do que viajan(d)o... (IBORUNA - AC051, L449)

3ª pessoa do plural

- (34) e eles entraram dentro da U.T.I. e a gente tava massagean(d)o ela eaí precisamos(s) trancá(r)as porta da U.T.I... tenta/ colocamo(s) eles pra fora... e... e:: trancá(r) as portas da U.T.I.e ela faleceu... aí depois pra mim saí(r) que era quase horário de eu í(r) em/ de eu vim embora... eles num [tavam]
Doc.: [mas aí] eles já/ **eles já sabiam que ela [tinha caí::do]**?
Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... sabia de tudo... ((informante pigarreia))
aí... só/eles so(u)beram que ela tinha morrido...(IBORUNA - AC105, L31)

3.3.3 Tempo-modo verbal

A análise das formas modo-temporais em que *saber* aparece tem o intuito de averiguar possíveis correlações entre os usos das construções e a variabilidade ou fixação de determinado tempo-modo verbal, o que pode contribuir para a caracterização dos diferentes usos e do grau de construcionalidade das formas.

Nas ocorrências analisadas, o verbo *saber* aparece conjugado somente no modo Indicativo e nos tempos (i) presente, (ii) futuro do presente, (iii) pretérito imperfeito e (iv) pretérito perfeito, como ilustram as ocorrências de (35) a (41) a seguir:

Presente

- (35) Mas na maioria do tempo dá sim eu **quando eu sei que eu vô(u) fazê(r) eu acordo cedo e faço** e até:: por incrível que pareça eu sô(u) rapidinha pra isso (IBORUNA - AC022, L479)
- (36) mas só que em casa todo mundo achava graça porque eu (a)rranquei o dente errado... pra mim num foi muito engraçado não porque eu sofri pa caRAMba... **eu num sei se::... se isso é uma história engraçada** ou... para

o/ éh pra mim mas pros o(u)tros é uma história engraçada mas muito triste porque:: pelo acontecido que eu sofri muito naque/ naquele dia (IBORUNA - AC091, L18)

Futuro do presente

- (37) Doc.: tá... e:: mais tem alguma tática assim ou só tê(r) essas manha assim?
 Inf.: não:: tem cê tem que dá(r) sinal:: cê tem que aprendê(r) dá sinal das carta que você tem de repente você num tem NAda... você tem que procurá(r) dá(r) sinal po o::(u)tro da dupla percebê(r) que cê tem alguma coisa... mas às vez nunca dá certo porque **se eles tivê(r) a carta... eles vai sabê(r) que é sinal falso...** é a única coisa que tem (IBORUNA - AC059, L191)
- (38) eles tão jogan(d)o opovo num num beco sem saída eles num querem tê(r) a responsabilidade de tomá(r) uma decisão então tão jogan/ tão jogan(d)o po povo... e o povo é obrigado a votá(r) e é obrigado a decidí(r) uma das/UMA das decisões que não são nenhuma correta...entendeu? por exemplo se você vota'sim'pra:: proibí(r)... **o ladrão vai sabê(r) que você... num tem arma vai/...** POde aumentá(r) o o número de de assal::tos... o Brasil pode ficá(r) descontrolado... entendeu? (IBORUNA - AC045, L332)

Pretérito imperfeito

- (39) aí ele deixô(u) ela:: na casa... na casa dela é... tipo::... OU SEja resumin(d)o ela beijô(u) um um monte no mesmo dia
 Doc.: HUM e isso foi Ela que te contÔ(u)?
 Inf.: [É ela que me contô(u) is::so então tá BOM]
 Doc.: [mas depois?] e vocês esperando ela lá na [FESta? ((ininteligível))]
 Inf.: [É:: e nada né?] **mas a gente já sabia que ia acontecê(r) isso** que sempre acontece essas coisas... daí e ela::/ tipo:: no o(u)tro dia ela vem:: e me conta ela num aGÜENta ela começa:: ela me conta as coisa... (IBORUNA - AC010, L131)
- (40) e eles entraram dentro da U.T.I. e a gente tava massagean(d)o ela eaí precisamos(s) trancá(r)as porta da U.T.I... tenta/ colocamo(s) eles pra fora... e... e:: trancá(r) as portas da U.T.I.e ela faleceu... aí depois pra mim saí(r) que era quase horário de eu í(r) em/ de eu vim embora... eles num [tavam]
 Doc.: [mas aí] eles já/ **eles já sabiam que ela [tinha caí::do]?**
 Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... sabia de tudo... ((informante pigarreia))
 aí... só/eles so(u)beram que ela tinha morrido... aí eles que::ria pegá(r) eu... que eu:: era culpado eles queriam culpá(r) alguém [Doc.: uhmm ((concordando))] [então] culparam eu e a médica...AC105 , L31

Pretérito perfeito

- (41) Doc.: [mas aí] eles já/ eles já sabiam que ela [tinha caí::do]?
 Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... sabia de tudo... ((informante pigarreia))
 aí... **só/eles so(u)beram que ela tinha morrido...** aí eles que::ria pegá(r) eu...

que eu:: era culpado eles queriam culpá(r) alguém (IBORUNA - AC105 , L33)

3.3.4 Preenchimento da posição de sujeito

Quanto ao preenchimento da posição de sujeito relacionado ao verbo *saber*, são analisadas duas possibilidades: *sujeito preenchido ou não preenchido*, como mostram as seguintes ocorrências, respectivamente:

(42) Inf.: [é::] ficô(u) em pé lá dentro tipo o boi anDAva dentro da[cobra]
[Doc.: aham((concordando))] ela acredita nisso (até)... ah mas num é possível... senão a cobra ia ficá(r) com três metro de altura [assim][Doc.: aham ((concordando))] de:: de comprimen::to né?... aí eu ficava imaginan(d)o... só que quando eu era pequena eu ficava imaginan(d)o e... morren(d)o de me::do né? [Doc.: aham ((concordando))] no::ssa... eu era:: **eu sei que a cobra num ia comê(r) o boi desse jeito**... aí minha avó falava que se você éh... estendesse a cobra tam(b)ém ela passava de um pré::dio assim::... (IBORUNA - AC054, L100)

(43) então era eMngraçado porque lá na UNICAMP... **num sei se ainda é assim** mas naquela época tinha MUItto povo de fora assim... (IBORUNA - AI008, L40)

Com a análise deste grupo de fatores, também se busca investigar possíveis correlatos morfossintáticos associados às diferentes construções, além de averiguar a existência de contextos formais que contribuem para a maior ou menor esquematicidade e, assim, maior ou menos construcionalidade das formas em análise.

3.3.5 Forma do sujeito quando preenchido

Conforme mencionado em relação ao grupo de fatores descrito na seção anterior, o sujeito de *saber* pode ser preenchido ou não preenchido. Nas ocorrências analisadas, quando o sujeito é preenchido, o falante faz uso de um pronome, como em (44), do

pronome *você genérico*, mostrado em (45), de um sintagma nominal pleno, como em (46), ou da forma *todo mundo*, assim como mostra (47), para designar o sujeito do verbo.

- (44) ... aí começô(u) aquela::... con/confusão assim... (inint.) **eu num sabia se eu tinha pego três ou se tinha pego quatro...** mas eu lembro que antes de depositá(r) que eu contei... que eu somei os valores eu sabia que tinha três... (IBORUNA - AC043, L13)
- (45) “olha a mãe ficô(u) ruim teve uma parada respirató::ria... o caso dela num é tão simples é mais complicado::” – uma hora depois cê tá ali... em casa:: e recebe a/ uma ligação cê já fica... **você num sabe se (pensa) o lado bom ou seu lado ruim...** quando eu atendi o telefone a minha irmã já com a notícia que a mãe tinha falecido tal... aí depo::is conversando revendo ali o laudo do médico né... (IBORUNA - AC057, L55)
- (46) eles tavam entrando assim já tinha abrido o portão chegô(u) um cara falo/ c’uma arma falô(u) pra eles... pra ele passá(r)... éh:: a caminhonete **mas co/ como meu tio sabia que meu primo tava LÁ:: dormin::(d)o...** como ele num queria que nada acontecesse c’o meu c’o meu primo a/o/ca/ o portão ele colocô(u) o portão pra fechá(r) e/a/e/a/e foi c’a caminhonete pra tentá(r) enTRÁ(r)... (IBORUNA - AC 001, L69)
- (47) é só isso que o Lula quê(r) fazê(r) ele qué(r) demonstrá(r) que ele tá preocupado de alguma forma... prime(i)ro que isso num é uma decisão que cabe ao povo... à população... já que o problema... é mesmo o desarmamento... é mesmo a criminalidade morte é um... uma decisão que tem que tomá(r) eles mesmos... eles já tem ciência **todo mundo sabe que vai dá(r) ‘sim’...** [Doc.: uhum ((concordando))] **todo mundo sabe que o final dessa votação vai sê(r) ‘sim’...** só isso... agora fala... tá... tá bom... desarma todo mundo...a população.. (IBORUNA - AC050, L375)

Do mesmo modo que com a análise do fator anterior, busca-se com a análise deste fator averigar possíveis contextos morfossintáticos que caracterizam as diferentes construções com *saber*, bem como seus diferentes graus de esquematicidade/construcionalidade.

3.3.6 Posição da construção com *saber*

As construções com *saber* podem ocupar duas diferentes posições em relação às proposições com as quais se combinam: *inicial* ou *final*. Com a análise desse grupo de

fatores, busca-se relacionar a mobilidade posicional das construções com as funções que desempenham e com os graus de construcionalidade apresentados por elas. As ocorrências a seguir exemplificam as diferentes posições em que as construções ocorrem nos dados analisados:

Inicial

(48) Inf.: bom....uma história que eu...que já passô(u) pela minha vida foi que:.... uma vez eu estudava ali na escola Navarro **não sei se você conhece**. . [Doc.: hum] na época era...segunda ou terce(i)ra série... no caminho de volta pra casa assim meu irmão sempre passava corren(d)o c'um colega dele e falava né? que tinha um moleque atrás dele só que era sempre mentira né? [Doc.: ham]... ele passava c'o chinelo na mão que nós ia de chinelo pa escola né?... aí passava corren(d)o e eu começava dá(r) risada normal...nunca aconteceu dele/ de sê(r) verdade né? (IBORUNA - AC015, L5)

(49) Doc.: éh::... assim E. **eu sei que cê sabe fazê(r) MUITas coisas...** cê sabe cozinhá(r)...você cozinha MUITo BEM... mas... éh recentemente cê fez um curso de cabele(i)re(i)ro né (IBORUNA - AC072, L336)

Final

(50) aí diz que essa luz ela deu uma apaga::da e acendeu de novo aí no que ela acendeu ela saiu... como se fosse na velocidade da luz sentido:: horizonte assim e sumiu... [Doc.: hum]... é (uma::) história bastante::((risos))... eu conto né? (inint.) **se é ficção eu num sei** [Doc.:((risos))] mas foi meu irmão que me contô(u) (IBORUNA - (IBORUNA - AC035, L247)

3.3.7 Unidade funcional escopada

Com a análise deste grupo de fatores, busca-se identificar as unidades funcionais escopadas pelas construções com *saber*. A classificação das unidades é baseada em Lyons (1977), que distingue as seguintes unidades de diferentes ordens: indivíduo, estado-de-coisas e proposição.

A entidade de primeira ordem, indivíduo, é formada por objetos físicos que podem ser localizados no espaço tridimensional e no tempo e serem caracterizados por propriedades, como em *Maria comeu o bolo de cenoura*.

O estado-de-coisas, entidade de segunda ordem, compreende eventos e processos que podem acontecer em um determinado período de tempo, como ilustra Sousa (2011, p.114) em *Carla quer se encontrar comigo depois do almoço*.

A proposição, entidade de terceira ordem, não pode ser localizada no espaço ou tempo, mas pode ser avaliada em termos de sua validade, como em *Acreditamos que possivelmente mais de 60% da população já sabe de todas as ilegalidades que o governo vem praticando* (SOUSA, 2011, p. 114).

À classificação de Lyons, Dik (1997) acrescenta uma unidade de quarta ordem, equivalente ao ato de fala, que pode ser localizada no espaço e tempo e avaliada em termos de felicidade, como no exemplo: *É desnecessário dizer que, além de tudo, questões como qualidade e ações voltadas para a satisfação do cliente serão rigorosamente mantidas como metas desta empresa* (SOUSA, 2011, p. 113).

Além dessas unidades, *saber* pode ter como escopo conjunto de enunciados.²⁴ Isso ocorre quando o falante utiliza a construção *eu sei que* para retomar um tópico anteriormente mencionado na interação e que tenha sido provisoriamente interrompido por comentários que o falante acrescenta acerca de tópicos secundários, ou subtópicos, como mostra a ocorrência em (06) apresentada anteriormente:

(06) Doc.: bom... cê sabe cozinhá(r) alguma coisa?

Inf.: ovo cozido... [Doc.: ((risos))] ovo cozido eu sei ((risos))... (não) eu tô brincan(d)o eu/...FAZ TEMpo eu antes eu::... me aventurava um pouquinho mais na cozinha mas num era gran::de coisa é um pouc/ SEI fazê(r) que::... me disseram que eu... faço bem... é a galinhada né? galinhada na cerveja

Doc.: e como que faz?

Inf.: eu tomo a cerveja ((risos)) e mato a galinha ((fala rindo))...[Doc.: ((risos))] eu tô brincando eu num bebo... éh::... faz tempo que eu num faço **eu sei que::... eu refogava... o duro que agora eu num tô lembran(d)o certinho num vô(u)... lembrá(r) (certinho) faz TANTo tempo que eu num faço eu sei que::... eu refogava o... a verduras lá... é que agora eu num me lem::bro... sei que você deix/ colocava a:: cerveja... éh::... dois copos de cerveja...colocava... a galinha... depois... o frango né?... depois que tava**

²⁴ Na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), esse conjunto de enunciados é definido como um Movimento, que equivale a uma contribuição autônoma para a interação, é constituído por atos de fala e pode provocar uma reação no interlocutor ou, ele mesmo, ser a reação.

tudo refogado aí colocava... ÉH:: legumes à gosto né? [Doc.: aham ((concordando))] cê coloca e o de s/ o trivial cebo::la... éh:: Alho né? ocê coloca deixa (refogá(r)) e coloca cerveja a hora que tiver mais ou menos... borbulhando a cerveja você coloca a... o frango né?... faz ele... ali... o arroz faz separado... (IBORUNA-AC 075, L213)

Na ocorrência de número (06), nota-se que a construção com *saber* é empregada para retomar o tópico anterior, como o falante prepara a galinhada na cerveja, interrompido na interação por comentários que o falante acrescenta sobre o fato de ele não fazer a receita há algum tempo [... *faz tempo que eu num faço...o duro que agora eu num tô lembran(d)o certinho num vô(u)... lembrá(r) (certinho) faz TANTo tempo que eu num faço*].

Ademais, *saber* escopa uma proposição, quando se refere a um fato possível, um construto mental que não pode ser localizado no espaço ou tempo, mas pode ser avaliado em termos de sua verdade (LYONS, 1966), conforme exemplificam as seguintes ocorrências:

Proposição

(51) “olha K.... você vai confessá(r) porque senão eu num quero que fi/ eu num quero que fica feio pra mim né? (vai acabá(r)) feio pra você se você num confessá(r)) **todo mun(d)o já sabe que foi você que ro(u)bô(u)**...num tem como você se escondê(r)o cara viu você passan(d)opelo palco c’a bolsa da::... L. né?” (IBORUNA - AC048, L216)

(52) eu trabalhava na emergência do hospital nessa época... então o pai era aqui perto de/ do trevo de Schmidt foi por aí que aconteceu o acidente ta/ éh vieram... éh... o pai que estava c’a criança no colo embrulhada num cobertor... mas a criança já tava morta mas **ele num sabia que a criança tava morta** e a hora que eu... ele me JOGÔ(U) a criança no meu braço me falava assim gritava –“SALva meu filho salva meu filho”–... (IBORUNA - AC105, L63)

Com a análise desse grupo de fatores, busca-se, assim, investigar possíveis correlações entre as funções desempenhadas pelas construções com *saber*, bem como os

graus de construcionalidade que exibem, e a ocorrência de unidades semântico-funcionais específicas sob o escopo de *saber*.

3.3.8 Modalidade da oração

Com este último fator, analisa-se a modalidade da oração com *saber* para os casos de construções com as funções de descrição de conhecimento e modalizador epistêmico de certeza ou incerteza, ou da porção textual que *saber* escopa para a função instrucional de organização tópica (introdução, retomada e finalização de um tópico). O intuito é investigar em que medida a modalidade frasal interfere nas funções (assertivas e performativas) desempenhadas pelas construções, assim como no grau de esquematicidade e de construcionalidade que apresentam.

Nos dados da pesquisa, a modalidade da oração com *saber* pode ser *declarativa afirmativa*, *declarativa negativa*, *interrogativa afirmativa* e *interrogativa negativa*, conforme exemplificam as ocorrências a seguir.

Declarativa afirmativa

(53) eles tavam entrando assim já tinha abrido o portão chegô(u) um cara falo/ c'uma arma falô(u) pra eles... pra ele passá(r)... éh:: a caminhonete mas co/ como **meu tio sabia que meu primo tava LÁ:: dormin::(d)o...** como ele num queria que nada acontecesse c'o meu c'o meu primo a/o/ca/ o portão ele colocô(u) o portão pra fechá(r) e/ a/ e/ a/ e foi c'a caminhonete pra tentá(r) enTRÁ(r)... (IBORUNA - AC001, L69)

(54) Doc.: e que que cê pensa sobre os desenhos assim? não são violentos? são legais? Inf.: não... num são quanto o fil::me... **eu sei que o filme é inventado pelo computador mas é muito violento ainda**
Doc.: mas e o desenho assim?... às vezes tem um monte de briga por desenho ainda mais desenho japonês assim tem muita briga (IBORUNA - AC005, L458)

(55) Doc.: assim **eu sei que você faz balé...** tem como você falá(r) como você faz determinados... não sei se é esse o termo... passos tem como você falá(r)? (IBORUNA - AC018, L119)

Declarativa negativa

- (56) falô(u) até na rádio falô(u)que::...ah o::... o programa é de manhã oito hora né?... falô(u) que/ (oito hora) que deu... deu rolo né? **e eu num sabia que era nessa escola aí** né?... meu irmão falô(u) que era nessa escola que tava ten(d)o câmara no banhe(i)ro... mas é uma coisa né? que eles qué(r) fazê(r) o bem mas acabam fazen(d)o o mal.. (IBORUNA - AC015, L906)
- (57) Doc.: e o senhor apaNHA::va assim dos avós dos pais?
Inf.: ah **eu num sei se apanhei** ela só me ((ruído)) só... colocô(u)no meio das perna e tentô(u) me enforçar... só isso (IBORUNA - AC103, L13)
- (58) então ela fazia todo tipo de chantagem sabe?... pegava... no/ no/... a/ a minha esposa fazia o almoço a janta ela num jantava... saía pos vizinho falan(d)o que... que a gente de(i)xava sem comida... **eu sei que::... num era fácil o dia-a-dia não...** (IBORUNA - AC133, L46)

Interrogativa afirmativa

- (59) e eles entraram dentro da U.T.I. e a gente tava massagean(d)o ela e aí precisamo(s) trancá(r)as porta da U.T.I... tenta/ colocamo(s) eles pra fora... e... e:: trancá(r) as portas da U.T.I.e ela faleceu... aí depois pra mim saí(r) que era quase horário de eu í(r) em/ de eu vim embora... eles num [tavam]
Doc.: [mas aí] eles já/ **eles já sabiam que ela [tinha caí::do]?**
Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... (IBORUNA - AC105 , L31)

Interrogativa negativa

- (60) Inf.: eles ponhavam uma camisa bran::ca tudo branca né?... num cabide... aí amarrava uma linha no cabi::de... passava por cima da árvore assim e ficava amoitado... aí eles(ficava) ven(d)o se tinha um ca::rro ou um cara de bicicla::ta ou uma mo::to algum::/ se alguém passasse ali eles descia né?... só descia só a camisa branca no cabide então ninguém via o cabide... [Doc:: ((risos))] só via só a camisa branca só e todo mundo assustava né? todo mundo saia corren::(d)o... [Doc.: ((risos))] é aque::/ aquele susto que o povo passava né?... e:: eles quase rola::va de dá(r) risada né?... que ninguém sabi/ninguém até hoje sabe ninguém sabe [quem foi]
Doc.: [**ninguém**] **sabe que foi eles?**
Inf.: ninguém sabe que foi eles né?... e isso eles fizeram umas par:: de vez já num foi uma só não (IBORUNA - AC015, L308)

A seguir, passa-se à seção da análise das ocorrências com o verbo *saber* de acordo com os fatores explicitados nesta seção e, em seguida, aos resultados obtidos com a análise.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS

Ao longo deste capítulo, são apresentados os resultados das análises empreendidas a partir da verificação da aplicação dos grupos de fatores descritos em 2.3 para todas as ocorrências com *saber* consideradas na pesquisa.

Conforme mencionado anteriormente, a classificação inicial dos dados foi baseada nos estudos de Diessel e Tomasello (2001) e Verhagen (2005) a respeito das orações completivas, para a organização das ocorrências em dois grupos: 1) construções com funções assertivas (descrição de um conhecimento do referente sujeito da oração matriz); e 2) construções com funções performativas (modalizadoras e de organização tópica).

Segundo as propostas de Diessel e Tomasello (2001) e de Verhagen (2005), as construções assertivas desempenham a função de descrever um estado-de-coisas. A construção com *saber* acompanhada pela oração completiva expressa um estado-de-coisas complexo, isto é, a oração com *saber* exprime a proposição principal à qual se integra, em termos conceituais, a proposição veiculada na oração completiva, conforme exemplifica a ocorrência em (61).

(61) “NÃO nós tá brigado tal cê a::cha ***todo mundo sabe que nós tá brigado***”
(IBORUNA - AC019, L11)

Com usos performativos, sob uma perspectiva intersubjetiva, o falante fornece ao ouvinte, por meio da matriz, instruções de como o complemento deve ser conceptualizado em um evento comunicativo. A ocorrência em (62) ilustra uma construção com *saber* desse tipo, por meio da qual o falante imprime, ao conhecimento descrito, a atitude de certeza subjetiva.

- (62) Inf.: brigas meninas puxa o cabelo hom/ assim menino de:: dá soco um no o(u)tro teve um mesmo na classe do... G.... e do:: O. que eles começaram a dá(r) soco um no o(u)tro **só sei que um deles saiu roxo de lá... da classe** (IBORUNA - AC014, L125)

No total, foram coletadas no *corpus* 176 ocorrências, sendo 49 construções classificadas como assertivas e 127 ocorrências, como performativas. Ambos os tipos de construções foram predominantemente registrados em inquéritos da amostra Censo: 88% das construções assertivas e 87% das performativas. Esse predomínio provavelmente seja reflexo da diferença entre os tamanhos das Amostras que compõem o IBORUNA, visto que, enquanto a Amostra Censo conta com 152 inquéritos, a Amostra de Interação é formada por apenas 11 inquéritos.

Após submeter ao programa Goldvarb os dados dos usos do verbo *saber* com função assertiva e performativa, analisados segundo os fatores eleitos, foi possível determinar as formas típicas das construções e suas propriedades morfossintáticas. Os resultados são apresentados nas seções seguintes, por meio do número de ocorrências e pelo percentual de aplicação dos fatores de análise, primeiramente em relação às construções assertivas e performativas consideradas como um todo (4.1) e, em seguida, no tocante aos subtipos de construções performativas, isto é, construções modalizadoras e marcadoras de organização tópica (4.2). Nessas seções, também se apresentam considerações sobre os graus de construcionalidade das construções, conforme indicados pelo comportamento dos fatores analisados.

Posteriormente, na seção 4.3, apresenta-se uma síntese dos resultados obtidos, descritos ao longo das seções deste capítulo.

4.1 Propriedades gramaticais e construcionalidade das construções assertivas e performativas

O primeiro fator a ser descrito diz respeito à **pessoa gramatical** indicada no verbo *saber*. Os resultados relativos à aplicação desse fator às ocorrências analisadas se encontram dispostos na tabela a seguir, distribuídos verticalmente.

Tabela 1 - Pessoa gramatical nas construções com *saber* assertivas e performativas

Pessoa gramatical \ Função da construção		Assertiva	Performativa	Total
1ª pessoa do singular	N %	9 19%	124 97%	133 76%
2ª pessoa do singular	N %	4 8%	--	4 2%
2ª pessoa do singular indeterminado	N %	4 8%	--	4 2%
3ª pessoa do singular	N %	18 37%	--	18 11%
3ª pessoa do singular indeterminado	N %	6 12%	--	6 3%
1ª pessoa do plural	N %	4 8%	3 3%	7 4%
3ª pessoa do plural	N %	4 8%	--	4 2%
Total	N %	49 100%	127 100%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Observe-se, inicialmente, que a frequência total das ocorrências confirma uma das hipóteses investigadas, a de que as construções performativas seriam mais produtivas do que as assertivas, na medida em que as primeiras se encontrariam mais abstratizadas, mais esquemáticas e menos composicionais, do que as segundas, na linha do apontam Traugott e Trousdale (2013) a respeito das formas em construcionalização. No *corpus* investigado, as construções assertivas perfazem 28% (49 ocorrências) do total de 176 dados, ao passo que as performativas, bem mais frequentes, são representadas por 127 (72%) do total de dados.

Conforme revelam esses resultados, as construções **assertivas** apresentam alta variabilidade e, assim, baixa esquematicidade no tocante à pessoa gramatical indicada no verbo *saber*. O verbo é marcado com a 3ª pessoa do singular na maior parte dos dados (37%). Um exemplo é a ocorrência em (63).

- (63) Inf.1: a casa tá trancada? é isso?
 Inf.2: ele tá lá dentro... ele bebe... ele sai bebe vai dormí(r)... e ele falô(u) pra mim que só SAI se alguém for tirá(r) ele porque do contrário **ele sabe que é da/ que é da menina...** porque eu já enjoei de falá(r) que foi feito pra ela... mas ele disse que não sai (IBORUNA - AI009, L188)

O restante das ocorrências se distribui em formas de 1ª e 2ª pessoas do singular, como em (64) e (65), representando, respectivamente, 19% e 8% do total de dados:

- (64) EU... MUIto metido... em vez de misturá(r) a vodca com a Fanta como os o(u)tros fizeram NÃO eu bebi DOIS copos viREI com pura vodca... eu num sabi::a porque eu nunca tinha beBIdo **eu num sabia que era fra::co** e tam(b)ém num saBIa_ que vodca era forte só sei que eu bebi pra fazê(r) graça mesmo né?... (IBORUNA -055, L017)
- (65) Doc.: sim... se eu não tivesse visto isso agora poderia por exemplo chegá(r) um professor aí... na:: na qualificação ou mesmo na na
 Inf.: na sua apresentação [na comunicação]
 Doc.: [éh... na apresentação]... –“oh[... cê sabia][Inf.: escuta... (inint)] que a saliência fônica é diferente de prime(i)ra pra terce(i)ra pessoa... **cê sabia que:: pra prime(i)ra e pra terce(i)ra pessoa cê num pode pensá(r) nisso naquilo?**”– (a) cabô(u)... num é uma co/ um detalhezinho não... ia caí(r) [Inf.: éh]... não ia caí tudo por terra (IBORUNA - AI011, L87)

Nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural, como exemplificam (66) e (67), ambos os tipos representando o mesmo percentual de 8% das ocorrências:

- (66) então (IBORUNA - (IBORUNA - ACho que ele sofreu MAIS ainda por sê(r)... calado ele num reclamava mui::to... ele só tinha muita esperança em Deus né?...que ele fosse curado... embora **a gente sabia que era uma::... uma doença muito grave né?...** e que dificilmente poderia... acontecê(r)... um milagre né?... a gente esperô(u) até no fim e passô(u) pa cabeça tam(b)ém... aí num teve jeito... (IBORUNA - AC094, L28)
- (67) eles entraram dentro da U.T.I. e a gente tava massagean(d)o ela eaí precisamo(s) trancá(r)as porta da U.T.I... tenta/ colocamo(s) eles pra fora... e... e:: trancá(r) as portas da U.T.I.e ela faleceu... aí depois pra mim saí(r)

que era quase horário de eu í(r) em/ de eu vim embora... eles num [tavam]
 Doc.: [mas aí] eles já/ **eles já sabiam que ela [tinha caí::do]?**
 Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... sabia de tudo... (IBORUNA - AC094, L59)

E ainda na 2ª e 3ª pessoas do singular com valor de sujeito indeterminado, conforme exemplificado em (68) e (69), representando, respectivamente, 8% e 12% do total de construções assertivas.

(68) “olha a mãe ficô(u) ruim teve uma parada respirató::ria... o caso dela num é tão simples é mais complicado::” – uma hora depois cê tá ali... em casa:: e recebe a/ uma ligação cê já fica... **você num sabe se (pensa) o lado bom ou seu lado ruim...** quando eu atendi o telefone a minha irmã já com a notícia que a mãe tinha falecido tal... aí depo::is conversando revendo ali o laudo do médico né... (IBORUNA - AC057, L55)

(69) é só isso que o Lula quê(r) fazê(r) ele qué(r) demonstrá(r) que ele tá preocupado de alguma forma... prime(i)ro que isso num é uma decisão que cabe ao povo... à população... já que o problema... é mesmo o desarmamento... é mesmo a criminalidade morte é um... uma decisão que tem que tomá(r) eles mesmos... eles já tem ciência **todo mundo sabe que vai dá(r) ‘sim’...** [Doc.: uhum ((concordando))] todo mundo sabe que o final dessa votação vai sê(r) ‘sim’... (IBORUNA - AC050, L375)

As construções com *saber* **performativas**, por outro lado, mostram-se bem menos variáveis quanto à pessoa gramatical. Os resultados revelam que essas construções ocorrem nos dados apenas com a 1ª. pessoa, do singular ou do plural. Em 97% das ocorrências há o emprego de 1ª. pessoa do singular, como na ocorrência em (70); outros 3% aparecem com marca de 1ª. pessoa do plural, como mostrado em (71).

(70) Inf.: do NAda eles viram uma luz assim né?... andô(u) um po(u)quinho coisa de cinco cinco minutinhos sumiu... né?... aí um cutucô(u) o outro – “que será que deve sê(r) isso aí?—... aí né? o::... daí né? eles continuaram pescan(d)o ali né? aí eles começaram acho que::... eu acho que::... **num sei se eu:: lembro muito** mas acho que eles começaram ouvi(r) tipo d’um machado baten(d)o sabe?... [Doc.: ham]... ((imita o barulho domachado)) só que do o(u)tro lado né? era uma fazenda assim né? e lá:: em cima eles ouvia esses [negócio] (IBORUNA - AC015, L240)

(71) Inf.: então ele fez formação de quadrilha... ele foi assaltá(r) lá no Cristo Rei... uma mansão no Cristo Rei... aí pegaram ele tam(b)ém em flagrante... aí passô(u) ele na T.V.Tem também [Doc.: ah é?] passô(u)... então ele tá agora lá no C.D.P.

Doc.: ele já tinha (assim:)?

Inf.: já já pa/[Doc.: (inint.)] ele já tinha ido po C.D.P três vez essa é a quarta...

agora num sabemo(s) se ele vai sai(r) agora

Doc.: cê lembra que que foi das o(u)tras vezes?

Inf.: das o(u)tras vezes ele::... ele tentô(u) matá(r) acho que um:: um moço.. (IBORUNA - AC039, L138)

Os resultados relativos à pessoa gramatical marcada nas construções com *saber* permitem considerar, assim, que as construções com funções performativas, ao se mostrarem praticamente invariáveis quanto a este fator, revelam-se mais esquemática e, portanto, com maior grau de construcionalidade do que as construções assertivas, que exibem ampla variabilidade e, com isso, menor rigidez e esquematicidade em relação às pessoas gramaticais indicadas.

Os resultados referentes ao **tempo-modo** marcado no verbo *saber* dos dois tipos de construção ratificam essas características. A distribuição desse fator pelos dados analisados pode ser vista a partir dos números na tabela 2.

Tabela 2 - Tempo-modo verbal nas construções com *saber* assertivas e performativas

Função da construção		Assertiva	Performativa	Total
Tempo verbal				
Presente	N %	19 39%	127 100%	146 83%
Futuro do presente	N %	2 4%	--	2 1,5%
Pretérito imperfeito	N %	27 55%	--	27 15%
Pretérito perfeito	N %	1 2%	--	1 0,5%
Total	N %	49 100%	127 100%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas construções com função **assertiva**, *saber* é empregado em diversos tempos verbais, comportamento que revela sua menor esquematicidade. A maior parte das ocorrências (55%) encontra-se no pretérito imperfeito, como mostrado em (72), e as demais exibem os tempos presente (39% dos dados), como exemplificado em (73), futuro do presente (4% dos dados), como em (74), e pretérito perfeito (2% dos dados), como ilustrado pela ocorrência em (75).

(72) Doc.: ela é muito ciumen::ta?

Inf.: muito principalmente depois do cursinho **eu num sabia que ela era assim** (IBORUNA - AC047, L138)

(73) e eu tinha brigado com ela tal ela num tinha me chamado pra festa... aí eu cheguei... era umas... uma e mei::a duas horas tal e tava quase na hora da dança... da... do baile lá... aí... fiquei sabên(d)o que o:: namorado dela que ia dançá(r) com ela tal né? depois o pai... tinha falTAdo... e num tinha quem dançá(r) com ela... aí eu cheguei pra ela tal falei... – “F.... cê:: qué(r) que eu danço c’ocê? tal? porque cê tá sozinha aí né? num tem com quem dançá(r)” – ... aí ela falô(u) pra mim – “NÃO nós tá brigado tal cê a::cha **todo mundo sabe que nós tá brigado**” –...eu falei – “NÃO mas num tem proble::ma se tá faltan(d)o aí só pra dançá(r) de boa” (IBORUNA - AC019, L11)

(74) você tem que procurá(r) dá(r) sinal po o::(u)tro da dupla percebê(r) que cê tem alguma coisa... mas às vez nunca dá certo porque se eles tivê(r) a carta... **eles vai sabê(r) que é sinal falso...** (IBORUNA - AC059, L191)

(75) e eles entraram dentro da U.T.I. e a gente tava massagean(d)o ela e aí precisamos(s) trancá(r)as porta da U.T.I... tenta/ colocamo(s) eles pra fora... e... e:: trancá(r) as portas da U.T.I.e ela faleceu... aí depois pra mim saí(r) que era quase horário de eu í(r) em/ de eu vim embora... eles num [tavam]
Doc.: [mas aí] eles já/ eles já sabiam que ela [tinha caí::do]?
Inf.: [já sabia que] já sabia de tudo... sabia de tudo... ((informante pigarreia))
aí... só/**eles so(u)beram que ela tinha morrido...** aí eles que::ria pegá(r) eu... que eu:: era culpado eles queriam culpá(r) alguém [Doc.: uhum ((concordando))] [então] culparam eu e a médica... (IBORUNA - AC105 , L33)

Já as construções **performativas** apresentam-se completamente fixadas quanto ao tempo verbal. Conforme exemplificado em (76), todas as ocorrências analisadas apresentam o verbo *saber* no presente do Indicativo, que remete ao momento da interação.

(76) Doc.: e a situação continua a mesma? [ele tá em Ribe(i)rã::o]

Inf.: [continua] ele tá em Ribe(i)rã::o ela num/ BEM po(u)co vê e::le muito raro... falacom ele assim BEM raro é mu::ito difícil... EU... TRÊS anos que aconteceu isso eu nunca mais vi ele... nunca mais... **num sei se tá nã::o** nunca mais vi... e NEM os o(u)tros parentes também viram.. (IBORUNA - AC052, L179)

Em relação ao fator tempo-modo verbal, os resultados também indicam, portanto, baixa rigidez formal e esquematicidade para as construções assertivas, já que elas podem ocorrer em quatro tempos verbais distintos. Para as performativas, ao contrário, fica indicado alto grau de rigidez e esquematicidade, visto que essas construções ocorrem nos dados exclusivamente com o verbo *saber* na forma do presente do Indicativo.

Observem-se agora os resultados relativos à análise do fator **preenchimento do sujeito** nos dados investigados.

Tabela 3 - Preenchimento de sujeito nas construções com *saber* assertivas e performativas

Função da construção Preenchimento do sujeito		Assertiva	Performativa	Total
Preenchido	N %	47 96%	81 64%	128 73%
Não preenchido	N %	2 4%	46 36%	48 27%
Total	N %	49 100%	127 100%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme se observa a partir dos resultados na tabela, para ambos os tipos de construção com *saber* predomina ocorrências em que a posição de sujeito se encontra preenchida. Para as construções **assertivas**, o percentual de casos com preenchimento de sujeito é ainda maior (96%) do que para as construções **performativas** (81%). Em (77) e (78) a seguir, exemplifica-se, respectivamente, a ocorrência de construções assertivas e performativas com a posição do sujeito de *saber* preenchida:

(77) Inf.: **ninguém sabe que foi eles né?**... e isso eles fizeram umas par:: de vez já num foi uma só não (IBORUNA - AC015, L308)

(78) Inf.: [é:] ficô(u) em pé lá dentro tipo o boi anDAva dentro da[cobra]
[Doc.: aham((concordando))] ela acredita nisso (até)... ah mas num é possível... senão a cobra ia ficá(r) com três metro de altura assim de:: de comprimen::to né?... aí eu ficava imaginan(d)o... só que quando eu era pequena eu ficava imaginan(d)o e... morren(d)o de me::do né? [Doc.: aham((concordando))] no::ssa... eu era:: **eu sei que a cobra num ia comê(r) o boi desse jeito**... aí minha avó falava que se você éh... estendesse a cobra tam(b)ém ela passava de um pré::dio assim:... (IBORUNA - AC054, L100)

As ocorrências a seguir ilustram casos de não preenchimento da posição de sujeito, que ocorre em 36% das construções performativas, como em (79), e em apenas 4% das construções assertivas, como em (80):

(79) Doc.: mas ele sabe alguma coisa sobre o rapaz... ou não?
Inf.: ah:: **sabe que ele num qué(r) nada assim com nada**... que ele fica com u::ma e fica com o(u)::tra... (IBORUNA - AC036, L166)

(80) Doc.: ele num [contô(u) que tinha tomado] Yakult?
Inf.: [não... não] num contô(u) nada contô(u) nada e eu acho que ninguém pecebeu porque o pessoal tinha ido embora antes... não tomaram lanche né? então ni::/ ninguém comentô(u) nada ele – acha?... **num sei... num sei se foi alguma coisa que eu comi em ca::sa** enfim nossa passei mal a noite inte(i)ra... (IBORUNA - AC057, L150)

Verifica-se assim que, ao contrário dos resultados descritos anteriormente, a análise do preenchimento da posição do sujeito de *saber* nas construções aponta para uma maior rigidez sintática das construções assertivas, que aparecem majoritariamente com a posição de sujeito preenchida, em comparação às construções performativas, que, consideradas como um todo, exibem certa variabilidade entre o preenchimento e o não preenchimento da posição de sujeito. A análise da aplicação desse fator nos dados de cada uma das subfunções performativas (modalizadoras de certeza e incerteza e marcadoras de organização tópica), que se empreende na seção 3.2, permitirá um melhor equacionamento desses resultados.

Considerando-se agora apenas os dados em que a posição de sujeito se encontra preenchida, observem-se os resultados na tabela 4, referentes às **formas do sujeito de saber** nos dois tipos de construção analisados.

Tabela 4 - Forma do sujeito quando preenchido nas construções com *saber* assertivas e performativas

Função da construção \ Forma do sujeito		Assertiva	Performativa	Total
Pronome sujeito	N %	32 65%	81 64%	133 88%
Pronome <i>você</i> genérico	N %	4 8%	--	4 3%
Sintagma nominal pleno	N %	5 10%	--	5 4%
<i>SN [todo mundo]</i>	N %	6 12%	--	6 5%
Total	N %	47 95%	81 64%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme indicam os resultados na tabela, as construções **assertivas**, em que *saber* funciona como descritor de conhecimento, mostram-se pouco esquemática no que diz que respeito às formas do sujeito preenchido, dado que, apesar de predominarem entre os dados ocorrências com sujeitos em formas pronominais, como exemplificado em (81), esse tipo de construção não se mostra resistente à ocorrência de outras formas de sujeito, como as ilustradas em (82) a (84):

- (81) Inf.1.: a:: foi pro E.... que o senhor falô(u) que vinha?
 Doc.2.: fo::i:
 Inf.1.: ah::
 Doc.2.: ele/ eu é/... é que **eu sabia que ele era aqui de Onda Verde né?**...
 que ele dá aula lá em Ilha Solte(i)ra... (IBORUNA - AI004, L181)
- (82) eles tavam entrando assim já tinha abrido o portão chegô(u) um cara
 falo/ c'uma arma falô(u) pra ele s... pra ele passá(r)... éh:: a
 caminhonete **mas co/ como meu tio sabia que meu primo tava LÁ::**
dormin::(d) o... como ele num queria que nada acontecess c'o meu
 c'o meu primo a / o/ ca/ o portão ele colocô(u) o portão pra fechá(r)
 e/ a/ e/ a/ e foi c'a caminhonete pra tentá(r) enTRÁ(r)... (IBORUNA
 - AC001, L69)

(83) daí tem...os amigos da interne::t... que às vezes cê num... num fala muito... você só mesmo encontra mesmo assim... tá sempre em contato por causa da internet... sempre tá conversa::n(d)o... e... tem muita gente legal... **às vezes cê... sabe que pode contá::(r)...**mas a MAIoria que é amigo mesmo... dois ou três assim né?... contá(r) numa mão só (IBORUNA - AC042, L258)

(84) encontrei ela no Palestra... ela tava c'uma amiga dela ela passô(u) e falô(u) – “oi L. cê num lembra de mim?” –... aí eu... – “claro que lem::bro” – num sei o que aquela timidez toda... **todo mundo que me conhece sabe que eu sô(u) tímido...** [Doc.: ((risos))] e::... a gente conversô(u) super... po::(u)co porque::...ficava um olhando po o(u)tro o o(u)tro num falava NA::da... eu olhava pra ela num falava na::da... ela olhava pra mim eu num falava na::da também..... (IBORUNA - AC021, L49)

As construções **performativas**, em oposição às assertivas, revelam-se altamente fixadas e esquemáticas no tocante à forma do sujeito quando preenchido: em todos os dados analisados, a única forma de sujeito ocorrente é a pronominal, especificamente, o pronome *eu*, como exemplificado em (85), o que se pode considerar ser um reflexo direto dos significados e funções (inter)subjativas que, conforme se vem demonstrando ao longo deste texto, estão associadas às construções performativas.

(85) aí eu comecei a enrolá(r) o R.... comecei assim a enrolá(r) enrolá(r) que eu num queria falá(r) po meu pai que eu tinha me::do...aí:: ele pegô(u) e falô(u) assim – “não... eu te dô(u) um prazo até seu aniversário até dia treze de março pra você contá(r) pro seu pai” –... e isso eu acho que era:: em fevere::(i)ro... tipo dia::... era dia:: era treze de fevere(i)ro eu tinha um prazo de um mês... – “se você não contá(r) pro seu pai...eu não vô(u) querê(r) mais” –... aí eu falei –“ah então tá bom” –... e aquele me::do aquele medo **e eu sei que (inint.) eu acabei contan(d)o po meu pai na última semana de fevere(i)ro...** eu aproveitei um dia que tava calmi::nho cheguei... e já já falei que eu tinha encontrado... uma pesso::a que queria namorá(r) sé::rio que ele gostava de mim:: que eu gostava de::le... (IBORUNA - AC046, L101)

O sexto fator analisado, a **posição da construção** com *saber* em relação à oração ou ao conjunto de enunciados com que ela se combina, não se mostra relevante para a distinção entre os dois grupos de construção investigados. Os resultados encontram-se na tabela 5 a seguir.

Tabela 5 - Posição das construções com *saber* assertivas e performativas

Posição da construção \ Função da construção		Assertiva	Performativa	Total
Inicial	N %	49 100%	126 99%	175 99%
Final	N %	--	1 1%	1 1%
Total	N %	49 100%	127 100%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Em praticamente todas as ocorrências analisadas, as construções com *saber*, sejam **assertivas** sejam **performativas**, aparecem antepostas à oração ou aos enunciados a que se relacionam. Um único caso de posposição é registrado, em uma construção do tipo performativa, transcrita em (86), indicativa de incerteza, sob a forma *não sei se*:

(86) aí diz que essa luz ela deu uma apaga::da e acendeu de novo aí no que ela acendeu ela saiu... como se fosse na velocidade da luz sentido:: horizonte assim e sumiu... [Doc.: hum]... é (uma::) história bastante::((risos))... eu conto né? (inint.) ***se é ficção eu num sei*** [Doc.:((risos))] mas foi meu irmão que me contô(u) (IBORUNA - AC035, L247)

Acredita-se que a possibilidade de posposição da construção nesse caso se explique em razão de ela ser formada por uma oração com *se*, a qual, conforme demonstra Sousa (2007), exibe em português menor grau de integração morfosintática em relação a uma oração principal do que uma oração completiva com *que*. Assim, essa menor vinculação sintática entre as orações permite que o conteúdo do complemento com *se* seja topicalizado pelo falante, por uma motivação pragmática de realçar a informação ali expressa.

As análises da **unidade funcional** sob escopo de *saber*, por outro lado, revelam resultados interessantes para a caracterização gramatical e natureza construcional das formas em estudo. A distribuição dos tipos de unidade funcional nos dados analisados pode ser vista a partir dos números na tabela 6.

Tabela 6 – Unidade funcional sob escopo das construções com *saber* assertivas e performativas

Unidade funcional escopada \ Função da construção		Assertiva	Performativa	Total
Proposição	N %	49 100%	98 77%	147 84%
Movimento	N %	--	29 23%	29 16%
Total	N %	49 100%	127 100%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados revelam que, do ponto de vista semântico-funcional, aspecto que este fator de análise permite captar, as construções **assertivas** mostram-se invariáveis: o conhecimento de um referente sujeito descrito nessas construções é sempre veiculado na forma de uma Proposição, equivalente a um fato possível, como ilustra (87):

(87) Doc.: como foi que vocês se conheceram?

Inf.: ele era meu vizinho [Doc.: ah é?] mas... era meu vizinho mas **eu num:: sabia que naquela casa tinha um rapaz...** [Doc.: hum] entrei lá que eu era manicure... fazia a unha [da irmã dele][Doc.: hum] e onde vi esse moço... aí fui sabê(r) que a moça tinha uma ir/ um irmão... (IBORUNA - AC110, L12)

As construções com funções **performativas**, por outro lado, além de se associarem a Proposições, o que ocorre na maior parte dos dados (77%), como em (88) podem escopar Movimentos, expressos, em geral, na forma de um conjunto de enunciados, como mostra a ocorrência em (89):

(88) cê escutava muita coisa::... (pessoa) cê escutava pessoas anda::n(d)o...[Doc.: ai credo] éh::... às vezes você ouvia vo::zes... **não sei se é porque o lugar é muito antigo:: ou né?...** (IBORUNA - AC070, L168)

(89) aí tinha um um vizinho dela lá que era::... que trabalhava numa firma lá ele (NEC) negócio de máquina registradora... aí ele foi nós fomo(s) lá de noite na casa dele... e ele:: mandô(u) eu í(r) lá no o(u)tro dia... fazê(r) o:: o exame lá escrito oral num sei que lá... aí eu consegui::... num sei se eu consegui passá(r) ou ele arrumô(u) lá tudo pra mim... **eu sei que eu entrei nessa firma... aí eu co/ eu pe/ éh:: eu comecei trabalhá(r) lá... e:: e lá os cara me chamava eu de caiPIra porque eu era do interiOR...** (IBORUNA - AC129, L36)

Considerados os dados gerais dos dois tipos de construção, o que esses resultados indicariam, portanto, seria uma maior esquematicidade, em termos semântico-funcionais, das construções assertivas, ao contrário do que indica a maior parte dos resultados da análise de fatores morfossintáticos discutidos até aqui e que apontam para maior rigidez sintática das construções performativas. É provável, no entanto, que a possibilidade de as construções performativas escoparem dois tipos de unidades funcionais, ao passo que as assertivas permitem a ocorrência de um único tipo de unidade sob seu escopo, esteja estritamente relacionada às diferentes subfunções desempenhadas pelo grupo das construções assertivas, o que será mais bem detalhado quanto a este fator na seção seguinte deste capítulo.

Os resultados referentes à modalidade dos enunciados em que se encontram as construções analisadas, por fim, também são indicativos de comportamento mais variável das assertivas do que das performativas. Na tabela 7, encontram-se expostos esses resultados.

Tabela 7 – Modalidade da oração com *saber* ou que *saber* escopa nas construções assertivas e performativas

Modalidade da oração \ Função da construção		Assertiva	Performativa	Total
Declarativa afirmativa	N %	28 57%	65 51%	93 53%
Declarativa negativa	N %	17 35%	62 49%	79 44%
Interrogativa afirmativa	N %	3 6%	--	3 2%
Interrogativa negativa	N %	1 2%	--	1 1%
Total	N %	49 100%	127 100%	176 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados revelam, mais uma vez, que, enquanto as construções assertivas podem ser livremente empregadas em enunciados com força ilocucionária Declarativa ou

Interrogativa, as construções performativas se mostram rígidas quanto a este fator, já que são usadas apenas em frases declarativas.

No *corpus* investigado, as construções assertivas ocorrem mais frequentemente em frases declarativas afirmativas (57%), como em (90), seguidas de declarativas negativas (35%), como em (91), interrogativas afirmativas (6%), como em (92), e interrogativas negativas (2%), tal como a ocorrência em (93):

(90) “olha K.... você vai confessá(r) porque senão eu num quero que fi/ eu num quero que fica feio pra mim né? (vai acabá(r)) feio pra você se você num confessá(r)) **todo mun(d)o já sabe que foi você que ro(u)bô(u)**...num tem como você se escondê(r)o cara viu você passan(d)opelo palco c’a bolsa da::... L. né?” (IBORUNA - AC048, L216)

(91) porque eu tinha uma infecção né? e **ninguém sabia que eu tinha essa infecção**... então eu ficava choran(d)o eles num sabiam_ o que que era e eu ficava choran(d)o... (IBORUNA - AC042, L107)

(92) Doc.: sim... se eu não tivesse visto isso agora poderia por exemplo chegá(r) um professor aí... na:: na qualificação ou mesmo na na
Inf.: na sua apresentação [na comunicação]
Doc.: [éh... na apresentação]... –“oh[... **cê sabia**][Inf.: escuta... (inint)] **que a saliência fônica é diferente de prime(i)ra pra terce(i)ra pessoa**... **cê sabia** que:: pra prime(i)ra e pra terce(i)ra pessoa **cê num pode pensá(r) nisso naquilo?**”– (a)cabô(u)...num é uma co/ um detalhezinho não... ia caí(r) [Inf.: éh]... não ia caí tudo por terra (IBORUNA - AI011, L87)

(93) é aque::/ aquele susto que o povo passava né?... e:: eles quase rola::va de dá(r) risada né?... que ninguém sabi/ninguém até hoje sabe ninguém sabe [quem foi]
Doc.: **[ninguém] sabe que foi eles?**
Inf.: ninguém sabe que foi eles né?... e isso eles fizeram umas par:: de vez já num foi uma só não (IBORUNA - AC015, L308)

Já as construções performativas ocorrem ou em declarativas afirmativas, também mais frequente nos dados (51%), ou em declarativas negativas (49%), como exemplificam, respectivamente, (94) e (95):

(94) Doc.: como que era assim den::tro a decoração::?

Inf.: AH eu num lembro eu num num lembro que (às vez) era meio escu::ro sabe? eu num:: realmente num lembro... **eu sei que era bonita** mas num... eu num... num num me lembro mesmo (IBORUNA - AC075, L180)

(95) Doc.: e o senhor apaNHA::va assim dos avós dos pais?

Inf.: ah **eu num sei se apanhei** ela só me ((ruído)) só... colocô(u) no meio das perna e tentô(u) me enforçar... só isso (IBORUNA - AC103, L13)

Passa-se a seguir à discussão dos resultados da análise dos mesmos fatores aqui descritos considerando-se apenas as construções performativas, em suas subfunções de expressão de certeza e incerteza e de indicação de posições de um tópico discursivo na interação em andamento. O propósito é analisar possível existência de distinções gramaticais e de diferenças quanto aos graus de construcionalidade entre as construções com subfunções performativas.

4.2 Propriedades gramaticais e construcionalidade das construções performativas modais e de organização tópica

4.2.1 Construções performativas modais

Na tabela a seguir, encontram-se dispostos os resultados referentes à **pessoa gramatical** indicada nas construções em que *saber* atua como modalizador epistêmico de certeza e de incerteza. Eles revelam que, como esperado, a indicação da primeira pessoa do discurso é categórica nas construções performativas modais.

Tabela 8 - Pessoa gramatical nas construções modalizadoras

Função da construção Pessoa gramatical		Certeza	Incerteza	Total
1ª pessoa do singular	N %	37 97%	58 97%	95 97%
1ª pessoa do plural	N %	1 3%	2 3%	3 3%
Total	N %	38 100%	60 100%	98 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

A variação de pessoa nesses casos, como mostram os resultados, ocorre apenas no número da pessoa gramatical, que pode ser singular (o falante) ou plural (o falante e mais alguém). Com função modal, as construções com *saber* aparecem assim, segundo o fator “pessoa gramatical do referente sujeito”, mais esquemáticas.

Ao indicar certeza, *saber* é empregado na 1ª pessoa do singular em 97% das ocorrências, e na 1ª pessoa do plural apenas em 3% dos dados. São exemplos dessas formas as ocorrências a seguir.

(96) eu acho que ele... deveria tá fazen(d)o até criá(r) um po(u)co de vergo::nha **eu sei que eu num sô(u) uma (inint.) muito boa pra falá(r) isso** (inint.) ((rindo)) mas... ele... ele... num dá pra explicá(r) ele é MUIto ruim... (IBORUNA - AC001, L320)

(97) **infelizmente ho::je a/ nós sabemos que a escola estadual é bem inferior do que a particular...** com esses cursos que a faculdade oferece dentro da faculdade ele pode... a juntá(r)... ficá(r) junto c’os alunos de escolas particulares e conseguí(r) tê(r) o mesmo ensino e::... e:: conseguí(r) aproveitá(r) o ensino totalmente que a:: faculdade oferece a eles (IBORUNA - AC055, L209)

Como modalizador de incerteza, as construções com *saber* ocorrem em 97% dos dados na 1ª pessoa do singular, como em (98), e em apenas 3% dados, na 1ª pessoa do plural, como exemplifica (99).

(98) Inf.: porque... ah ele brin::ca comi::go de jogui::nho... éh:: ele dá joguinho pra mim levá(r) pa minha casa pra mim fa/ pra mim montá::(r) e::... ele vai me ensiná(r) um jogui::nho no::vo... africa::no... eu dei um co/ um joguinho pra e::le... **e até hoje eu num sei se ele conseguiu... u/ coisá(r) o jogui::nho...** porque é mu::ito difí::cil... ele é legal assim (IBORUNA - AC007, L205)

(99) Doc.: e a história do seu primo como que é... como que ele foi pará(r) lá no C.D.P.?
Inf.: então ele fez formação de quadrilha... ele foi assaltá(r) lá no Cristo Rei... uma mansão no Cristo Rei... aí pegaram ele tam(b)ém em flagrante... aí passô(u) ele na T.V.Tem também [Doc.: ah é?] passô(u)... então ele tá agora lá no C.D.P.

Doc.: ele já tinha (assim::)?

Inf.: já já pa/[Doc.: (inint.)] ele já tinha ido po C.D.P três vez essa é a quarta...

agora num sabemo(s) se ele vai saí(r) agora

Doc.: cê lembra que que foi das o(u)tras vezes?

Inf.: das o(u)tras vezes ele::... ele tentô(u) matá(r) acho que um:: um moço..
(IBORUNA - AC039, L138)

Do ponto de vista da pessoa gramatical indicada na construção, verifica-se, portanto, que as modalizadoras de certeza e incerteza se mostram igualmente esquemáticas: a primeira sob a forma *(eu) sei que*, e a segunda, *(eu) não sei se*. Ambas são preferencialmente empregadas na 1ª. pessoa do singular e bem menos frequentemente, na 1ª. pessoa do plural.

Os dois subtipos de construções performativas também se mostram altamente esquemáticos, e não exibem nenhuma variação quanto ao **tempo-modo verbal** de *saber*, que é sempre o presente. A fixação das construções nesse tempo verbal também era esperada, em razão das próprias características que as definem, quais sejam, a expressão de uma atitude subjetiva (de certeza ou incerteza), no momento da interação verbal.

A tabela a seguir apresenta os resultados referentes à análise do grupo de fatores “**preenchimento do sujeito**” nas construções modalizadoras. Diferentemente do que foi evidenciado pelos resultados dos dois fatores anteriormente descritos, observam-se distinções entre as construções indicativas de certeza e as marcadoras de incerteza epistêmica quanto ao preenchimento da posição de sujeito.

Tabela 9 - Preenchimento de sujeito nas construções modalizadoras

Função da construção Preenchimento do sujeito		Certeza	Incerteza	Total
Preenchido	N %	33 87%	24 40%	57 58%
Não preenchido	N %	5 13%	36 60%	41 42%
Total	N %	38 100%	60 100%	98 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme esses resultados, predomina nas construções indicativas de certeza o preenchimento da posição de sujeito, ao passo que, nas indicativas de incerteza, a prevalência é, inversamente, do não preenchimento da posição de sujeito. São exemplos desses comportamentos, respectivamente, as ocorrências em (100) e (101):

(100) Inf.: bom os meus amigos da escola... eles são... tem quatro pessoas assim que eu vô(u) senti(r) muito falta sabe? quando eu terminá(r) o a::no... agora resto não... porque **eu sei que num é amigo... que é só colega MESmo...** se precisá(r) fazê(r) alguma coisa pra prejudicá(r) pra pisá(r) eles vão fazê(r) mesmo sabe?... e:: já aconteceu histori::nha assim essas coisas de falá(r) mal por trás... se vê que num é amigo que é pura falsidade mesmo... (IBORUNA - AC042, L250)

(101) Doc.: e::... mas cê acha que HOje... tem ídolo dorock... atualmente... ou os ídolos já...ficaram pa trás?
 Inf.: ídolo?
 Doc.: é... hoje
 Inf.: ai... ai ídolo... (num)... ai... **num sei se tem...**eu/ eu num tenho nenhum ídolo... deatual/... de atualmente assim... de agora... ai ídolo é um::... é um lance esquisito né?...ídolo... adorá::(r) adorá::(r) eu gosto da música... mas... da pessoa em si depende... (IBORUNA - AC043, L220)

Em relação à construcionalidade das formas, os resultados indicam ainda que o modalizador de certeza se mostra mais esquemático e, assim, mais construcional do que o modalizador de incerteza, quanto ao fator em discussão. Observe-se que as construções de certeza ocorrem majoritariamente (87% do total) com sujeitos preenchidos, ao passo que as construções de incerteza revelam certo equilíbrio quanto ao preenchimento (40%, 24 ocorrências do total de 60) e o não preenchimento do sujeito (60%, 36 ocorrências do total). As construções de incerteza, nos dados investigados, não se mostram, portanto, completamente fixadas quanto à presença ou ausência de pronomes de primeira pessoa (*eu, nós*) na posição de sujeito. As construções de certeza, por outro lado, mostram-se fixadas com a presença de pronomes sujeitos.

Outros fatores não indicam qualquer distinção entre as construções modais de certeza e de incerteza, na medida em que se aplicam categoricamente a ambas. São eles:

forma do sujeito quando preenchido (sempre pronomes); posição da oração em relação ao enunciado com que se combina (majoritariamente inicial, com uma única ocorrência de posposição da construção de incerteza, mostrada em (86)); e entidade funcional sob escopo da construção (sempre uma proposição). A **modalidade** do enunciado em que a construção se encontra permite distinguir as modais de certeza das de incerteza, na medida em que, como atestam os resultados da análise desse fator: as construções que indicam certeza ocorrem sempre em enunciados com força ilocucionária declarativa afirmativa, e as que indicam incerteza, em enunciados com modalidade declarativa negativa.

No quadro a seguir, sintetizam-se as propriedades características das construções indicativas de certeza e de incerteza subjetiva, conforme indicam os resultados da análise do comportamento dos fatores investigados.

Quadro 1: Propriedades características das construções de certeza e de incerteza

Construção modal	CERTEZA	INCERTEZA
Propriedade		
Sujeito em 1 ^a . pessoa do singular/plural	✓	✓
Tempo presente	✓	✓
Sujeito preenchido	✓	
Sujeito não preenchido	--	✓
Sujeito preenchido por pronome de 1 ^a . pessoa	✓	✓
Posição inicial	✓	✓
Proposição sob escopo	✓	✓
Modalidade declarativa afirmativa	✓	
Modalidade declarativa negativa	--	✓

Fonte: elaborado pelo autor.

Observe-se que apenas duas dessas propriedades (o preenchimento do sujeito e a modalidade frasal) distinguem, em termos gramaticais, as duas construções. Além disso, os resultados referentes à análise do preenchimento da posição de sujeito, mais estáveis para a construção modal de certeza, conforme discutido nesta seção, permitem considerar que ela se encontra em português com grau mais elevado de construcionalidade do que a construção modal de incerteza. A forma prototípica de cada construção, conforme indicam os resultados obtidos, é, portanto, a seguinte:

Construção indicativa de certeza subjetiva: *EU SEI QUE*

Construção indicativa de incerteza subjetiva: *(EU) NÃO SEI SE*

4.2.2 Construções performativas de organização tópica

Os resultados relativos à análise apenas das construções com *saber* que servem à organização tópica (introdução, reintrodução e finalização de um tópico) indicam inicialmente que, dos fatores analisados, quatro se aplicam categoricamente às construções: pessoa gramatical indicada em *saber* (sempre a 1ª. pessoa do singular); tempo-modo verbal (sempre presente do Indicativo); forma do sujeito quando preenchido (sempre o pronome *eu*); posição em relação ao enunciado com que se combinam (sempre inicial); e unidade funcional que escopam (sempre um Movimento). Conforme se observa, esses fatores são os mesmos que se aplicam indistintamente aos dois subtipos de construção modalizadora *com saber*, conforme apresentado na seção anterior. Cabe observar que a ocorrência dessas construções sempre escopando um Movimento, conforme exemplificado em (102) a (104), é coerente com a atuação discursiva dessas formas, marcadoras de uma reação do falante na organização tópica da interação.

Introdutora de tópico

- (102) Doc.: **éh:: e/ eu sei que você vai bastante lá na sua mãe::e e lá e/ vocês... todo domingo se reúne e sai bastante história engraÇAda...** eu gostaria que você me contasse alguma coisa que você se lembre assim que... te conTARAM lá na sua mãe (IBORUNA - AC062, L113)

Reintrodutora de (sub)tópico

- (103) a minha professora nossa foi [baca::na (lá de Palesti::na)]
 Inf.2.: [a:: mas professor aquela época era o(u)tra coi::sa né?]
 Inf.1.: **E::LA senTA::va...** ela por::/ punha::... é::... eu aQUI meu irmão aQUI... **e ela sentava na o(u)tra carte(i)ra e ali óh::... ela ficava...explican(d)o...** –“mas cês num sabe fazê(r) isso?” – nós falava assim –“não” – ... e aí óh:: negócio de Aritmética que:: te::m de porcentagem NÓS NUM SABIA NADA DAQUI::lo de [porcenTA::GEM... de nada]
 Inf.2.: [é (porque na época era)] a Matemática ho::je... de antigamente [Inf. 1: é] falava Aritmética
 Doc.2.: é:: é
 Inf.2.: é...[lingua::gem o Português... era lingua::gem]
 Inf.1.: [então:: **eu sei que ela senTA::va... EXPLICA::VA EXPLICA::VA**] [Doc.2:é::] e eu sei que nós passô(u)... e eu e ele... tá [certo]
 Inf.2.: [(inint.)] aí o pai (conforme queria) os filho ho::mem pa estudá(r)... (IBORUNA -AI004, L71)

Finalizadora de tópico

- (104) Inf.: Deus me livre e o medo que nós passamo(s)... segundo uma professora a arma tava... é carregada [Doc.: uhum] só que a hora que que o menino falô(u) que a que o policial tava lá ele descarregô(u) e deu fim [nas bala] [Doc.: nas bala] então a hora que a policia pegô(u) só tava a arma mesmo... mas ela falô(u)que pelo movimento da classe tava tava carregada... só que a hora que a polícia chegô(u) só tava::... a arma... aí levaram ele lá pa::[delegacia] [Doc.: delegacia] aí depois num [num sabe o que aconteceu]Doc.: [num sabe o que aconteceu] Inf.: **só sei que ele voltô(u) que ele não foi preso** [Doc.: aham((concordando))] **que ele ficô(u) aí ele voltô(u) e a diretora deu cinco dia de suspensão pra ele... e vai encaminhá(r) ele po conselho tutelar** [Doc.: uhum] (IBORUNA - AC078, L74)

Aplicam-se distintamente às construções de organização tópica dois fatores: o preenchimento da posição de sujeito de *saber* e a modalidade do enunciado escopado pela construção. Esses fatores são também os que se mostram distintivos das construções modalidade de certeza e de incerteza, conforme demonstrado anteriormente.

Os resultados relativos ao fator “preenchimento da posição de sujeito” se encontram expostos na tabela a seguir. Ressalte-se, de antemão, que a interpretação dos resultados requer cautela, uma vez que, considerados separadamente, é baixo o número de ocorrências para cada subtipo de construção.

Tabela 10 - Preenchimento de sujeito nas construções organizadoras de tópico

Função da construção Preenchimento do sujeito		Introdutora de tópico	Reintrodutora de tópico	Finalizadora de tópico	Total
Preenchido	N %	11 92%	8 100%	5 56%	24 83%
Não preenchido	N %	1 8%	--	4 44%	5 17%
Total	N %	12 100%	8 100%	9 100%	29 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se que, na maior parte dos casos, a posição de sujeito é preenchida nos três tipos de construção de organização tópica. Como reintrodutor de tópico, *saber* é acompanhado de sujeito explícito em todas as ocorrências, conforme exemplifica (105):

(105) só sei que eu bebi pra fazê(r) graça mesmo né?... e tudo bem:: *e eu fui e peguei levantei e fui (ainda dá(r)) umas voltas na represa né?... daí em diante eu num lembro de muita coisa porque:: realmente eu fiquei MAL... meus colegas disseram que eu dei traba::lho que eu comecei:: éh:: a mexê(r) c'o po::vo que eu num sabia o que eu fazi::a falô(u) que eu abraçava pos::te... que eu caía no chã::o que eu zuava todo mundo mas isso eu já num lem::bro direito creio eu que é verDAde porque eu tava bem ruim...eu LEMbro de alguns FATos que aconteceu sabe? alguns relâm::pagos assim eu num lembro de tudo... **eu sei que a gente fo::i andô::(u)... continuô(u) andan(d)o na avenida do:: do Teixeirã::o o estádio... até que eu parei numa praça e sentei num banco...** (IBORUNA - AC055, L24*

Nas construções introdutoras de tópico, também há majoritariamente preenchimento da posição de sujeito, conforme exemplificado em (106). Apenas em uma ocorrência, transcrita em (107), o sujeito é não preenchido:

- (106) Doc.: M. **eu sei que você faz técnico em prótese dentária** como que é esse... éh:: estudo que você faz (IBORUNA - AC045, L268)
- (107) Doc.: qua/ éh:: que que você acha? cê acha imporTANTE aSSIM... a gente tê(r)religiÃO?
 Inf.: eu a::choDoc.: POR que que cê acha?
 Inf.: porque::... que a gente tem que tê(r) conTato com DEus né?... a gente tem que::...éh:: sempre:: acrediTÁ(r)... né? nas COIsas que a genteFAZ
 Doc.: uhm::... tá e **sei que cê falô(u) pra mim que cê é muito estudaOsa né?** [Inf.: uhum((concordando))] cê ACHA que é imporTANTE? cê acha que tem que sê(r) estudaOSOou não? (IBORUNA - AC002, L122)

Já como finalizador de tópico, encontra-se variação quanto ao preenchimento da posição de sujeito, principalmente se observados os números brutos de ocorrências: em cinco casos do total de nove ocorrências (56%), há preenchimento da posição de sujeito e, em quatro casos (44%), a posição de sujeito não é preenchida. Exemplificam esses casos, respectivamente, as ocorrências a seguir.

- (108) eu achava que:: ah que eu num tinha uma vi::da assim aTIva por causa de/ desse tratamento... eu num... num tinha assim perspectiva de futu::ro então::o...((ruído)) daquele meu proble::ma... então eu resolvi que eu ia dá(r)um ba::sta né? e:: sei lá eu procurei eu me::sma né? me fazê(r) uma auto aná::lise... e fui procuran(d)o vê(r)que::... que realmente eu tinha necessidade de todo aquele tratamen::to... **eu sei que eu fu::i acalman::do fui deixan(d)o os medicamento fui sobreviven(d)o melhor**... aí quando eu cheguei numa certa ida::de que a medicina já tava um po(u)co avança::da... que eu podia procurá(r) EU MESMO... né? alguma solução... aí eu fui conversan(d)o com um médico aqui:: o(u)tra opinião dali:: aí fui ven(d)o que aquilo ali num era NA::DA TÃO grave
 Doc.: como a senhora descobriu que tinha essa lesão cerebral? (IBORUNA - AC144, L19)
- (109) os aluno qué(r) fazê(r) bagunça... e se eles pegasse no pé dos/ do aluno—“ah é assim assim assado”—...e se eles:: tomasse conta da classe acho que se... se... se o professor so(u)bé(r) controlá(r) a classe eles/... dá um ensino bom pos aluno... [Doc.: hum]... porque depende muito da classe tam(b)ém né?... tem classe que num tem como controlá(r) né? tem classe que num tem como controlá(r) né? tem classe que tem muita... muita coisa né?... **sei que::... que agora eles tão botan(d)o até câmara né?** tão queren(d)o pô(r) até câmara... e::
 Doc.: e cê acha correto eles colocarem câmara? (IBORUNA - AC015, L884)

No que se refere à modalidade do enunciado a que as construções se relacionam, observa-se também uma pequena variação, desta vez para as construções reintroduras de um (sub) tópico. Os resultados da análise deste fator se encontram na tabela 11 a seguir.

Tabela 11- Modalidade do enunciado escopado pelas construções com *saber* organizadoras de tópico

Função da construção Modalidade da oração		Introdutora de tópico	Reintrodutora de tópico	Finalizadora de tópico	Total
Declarativa afirmativa	N %	12 100%	6 75%	9 100%	27 93%
Declarativa negativa	N %	--	2 25%	--	2 7%
Total	N %	12 100%	8 100%	9 100%	29 100%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se que, nos dados da pesquisa, os enunciados que contêm um tópico introduzido, reintroduzido ou finalizado por uma construção com *saber* são todos invariavelmente declarativos. No caso específico das construções introdutoras de tópico discursivo, é comum nos dados que um enunciado interrogativo apareça na sequência do enunciado declarativo que contém a construção e na fala do documentador, evidenciando que, ao introduzir o tópico, o enunciado declarativo funciona como uma preparação, uma espécie de “moldura” para a interpretação da pergunta dirigida ao interlocutor/informante, conforme se observa a partir das ocorrências mostradas em (110) e (111):

(110) Doc.: **L. éh:: eu sei que você faz escova... de cabelo mesmo sem tê(r) feito curso... como que é:: como que você aprende::u e::... como que é fazê(r) uma escova?** (IBORUNA - AC062, L294)

(111) Doc.: **D.... eu sei que cê trabalha numa fá::brica assim cê podia me falá(r) agora qual que é teu serviço lá?...** (IBORUNA - AC059, L143)

As construções que funcionam como introdutoras e como finalizadoras de tópico aparecem, nos dados, sempre associadas a enunciados declarativos **afirmativos**, como ilustram, respectivamente, as ocorrências a seguir.

(112) Doc.: éh:: e/ **eu sei que você vai bastante lá na sua mãe::e e lá e/ vocês... todo domingo se reúne e sai bastante história engraçada...**
eu gostaria que você me contasse alguma coisa que você se lembre

(113) Inf.2.: [a:: mas professor aquela época era o(u)tra coi::sa né?]
Inf.1.: E::LA senTA::va... ela por::/ punha::... é::... eu aQUI meu irmão aQUI... e ela sentava na o(u)tra carte(i)ra e ali óh::... ela ficava...explican(d)o... –“mas cês num sabe fazê(r) isso?”– nós falava assim –“não”– ... e aí óh:: negócio de Aritmética que:: te::m de porcentagem NÓS NUM SABIA NADA DAQUI::lo de [porcenTA::GEM... de nada]
Inf.2.: [é (porque na época era)] a Matemática ho::je... de antigamente [Inf. 1: é] falava Aritmética
Doc.2.: é:: é
Inf.2.: é...[língua::gem o Português... era língua::gem]
Inf.1.: [então:: eu sei que ela senTA::va... EXPLICA::VA EXPLICA::VA]12[Doc.2:é::] e **eu sei que nós passô(u)... e eu e ele... tá [certo]**
Inf.2.: [(inint.)] aí o pai (conforme queria) os filho ho::mem pa estudá(r)... a D.queria... e punha o o(u)tro o J. pa fazê(r) admissão... (IBORUNA - AI004, L71)

As construções que atuam na reintrodução de um tópico discursivo se ligam majoritariamente também a enunciados afirmativos (75% do total de dados), porém em duas ocorrências (25%), o enunciado que contém o tópico retomado tem força ilocucionária declarativa **negativa**. As duas ocorrências a seguir exemplificam as possibilidades de força ilocucionária dos enunciados marcados como tópicos retomados pelas construções com *saber*.

Declarativa afirmativa

(114) me disseram que eu... faço bem...é a galinhada né? *galinhada na cerveja*
Doc.: e como que faz?
Inf.: eu tomo a cerveja ((risos)) e mato a galinha ((fala rindo))...[Doc.: ((risos))] eu tô brincando eu num bebo... éh::... faz tempo que eu num faço eu sei que::... eu refogava...o duro que agora eu num tô lembran(d)o certinho num vô(u)... lembrá(r) (certinho) faz TANto tempo que eu num faço eu sei que::... eu refogava o... a verduras lá... é que agora eu num me lem::bro... **sei**

que você de(i)x/ colocava a:: cerveja... éh::... dois copos de cerveja... colocava... a galinha... depois... o frango né?... depois que tava tudo refogado aí colocava... ÉH:: legumes à gosto né? (IBORUNA - AC075, L216)

Declarativa negativa

(115) a gente teve que... morá(r) na mesma casa né? porque minha mãe era sozinha... era minha mãe... éh inclusive é mãe de criação minha né?... então::... a gente teve um/ ela num tinha mais filho num tinha mais ninguém a gente casô(u) e continuô(u) moran(d)o junto... e num foi fácil não... e::... depois óh... quando a gente se casô(u)... né?... daí o... quase... quase dois ano né? Nasceu o nosso filho... foi... dia oitode fevere(i)ro de setenta e sete... e... minha mãe sempre me dava muito trabalho né::?... porque... ela era praticamente que nem um adulto criança... pra começá(r) a gente comprava brinquedo pra ele ela escondia os brinquedo do do meu filho... ela::... dava as coisa... assim bo/ bala ela tomava bala dele... então é/ era praticamente como uma criança também... e... **eu sei que num foi fácil a gente convivê(r) esse tempo todo::...** que a gente tinha que cuidá(r) dela porque e/ ela num tinha mais parente num tinha mais filho né?.. (IBORUNA - AC133, L18)

No quadro a seguir, sintetizam-se as propriedades características das construções com *saber* que atuam na organização tópica, conforme os resultados obtidos com a análise do comportamento dos fatores investigados.

Quadro 2: Propriedades características das construções de organização tópica

Construção de organização tópica	Introdutora	Reintrodutora	Finalizadora
Propriedade			
Sujeito em 1 ^a . pessoa do singular	✓	✓	✓
Tempo presente	✓	✓	✓
Sujeito preenchido	✓	✓	✓
Sujeito não preenchido	--	--	✓
Sujeito preenchido por pronome de 1 ^a . pessoa	✓	✓	✓
Posição inicial	✓	✓	✓
Movimento sob escopo	✓	✓	✓
Modalidade declarativa afirmativa	✓	✓	✓
Modalidade declarativa negativa	--	✓	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se, pelas propriedades no quadro, que apenas dois fatores se aplicam diferentemente às construções: o preenchimento da posição de sujeito e a modalidade do enunciado a que a construção se associa. O primeiro fator aplica-se invariavelmente (com o preenchimento da posição de sujeito) às construções que funcionam como introdutoras e reintrodutoras de um tópico discursivo, mas é variável nas construções finalizadoras de tópico.

No tocante ao fator modalidade do enunciado, por outro lado, certa variabilidade se observa em relação às construções reintrodutoras de tópico, as quais, embora se liguem majoritariamente a enunciados declarativos afirmativos, aparecem em alguns poucos dados associadas a enunciados declarativos negativos. As construções introdutoras e finalizadoras de tópico, por sua vez, ocorrem invariavelmente atreladas a enunciados declarativos afirmativos.

Assim, as formas prototípicas de cada construção, conforme sugerem os dados obtidos com as análises, são as seguintes:

Construção introdutora de tópico: *EU SEI QUE*

Construção reintrodutora de tópico: *EU SEI QUE*

Construção finalizadora de tópico: *(EU) SEI QUE*

4.3 Graus de construcionalidade e relações de herança das construções com *saber*

Os resultados discutidos na seção anterior deste capítulo permitem estabelecer os seguintes pareamentos de forma e função das construções com *saber* assertivas e performativas do português investigadas nesta pesquisa.

Figura 2: Pareamento forma-função das construções assertivas

Forma ↓ ↑ Função	<i>X (NÃO) SABER QUE</i> <i>Descrição de conhecimento</i>	<i>X NÃO SABER SE</i> <i>Descrição de desconhecimento</i>
--------------------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3: Pareamento forma-função das construções performativas modais

Forma ↓ ↑ Função	<i>EU SEI QUE</i> <i>indicação de certeza epistêmica</i>	<i>(EU) NÃO SEI SE</i> <i>indicação de incerteza epistêmica</i>
--------------------------------------	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 4: Pareamento forma-função das construções performativas de organização
tópica

Forma ↓ ↑ Função	<i>EU SEI QUE</i> <i>introdução de tópico</i>	<i>EU SEI QUE</i> <i>reintrodução de tópico</i>	<i>(EU) SEI QUE</i> <i>finalização de tópico</i>
--------------------------------------	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação à construcionalidade das formas, os esquemas e resultados obtidos confirmam a hipótese central da pesquisa, apresentada na seção introdutória, de que as construções assertivas seriam mais composicionais e menos esquemática/fixadas e construcionalizadas do que as construções performativas, o que se mostra pelos *slots* indefinidos (abertos) nos esquemas das construções assertivas, indicados por *X* na primeira posição da construção e pela forma infinitiva do verbo *saber*, e por *slots* definidos (fechados) nos esquemas das construções performativas (pronomes *eu* na primeira posição e *sei* como forma verbal).

Entre os dois tipos de construção assertiva, nota-se que a que descreve um desconhecimento do referente sujeito se mostra mais construcional do que a que descreve um conhecimento, visto que a primeira é marcada categoricamente por modalidade

declarativa negativa, ao passo que na segunda, é variável a modalidade da oração, entre declarativa afirmativa e declarativa negativa.

Dos subtipos de construções performativas modais, a construção indicativa de certeza se mostra mais construcional, sob a forma *eu sei que*, do que a construção que indica incerteza epistêmica, visto que o preenchimento da primeira posição da construção de certeza ocorre categoricamente (pelo pronome *eu*), ao passo que se mostra variável para a construção indicativa de incerteza.

Considerando as construções performativas que funcionam na organização tópica de uma interação verbal, por fim, as que servem à introdução e reintrodução de um tópico discursivo se mostram mais construcionais do que aquelas que marcam a finalização de um tópico, para as quais se revela variável o preenchimento da primeira posição da construção com o pronome *eu*.

Seguindo o objetivo desta pesquisa de estabelecer, após a análise dos dados, os graus de esquematicidade das diferentes formas com *saber*, pode-se propor a seguinte escala conforme os graus de construcionalidade exibidos pelas construções:

Figura 5: Escala de construcionalidade das construções com *saber*

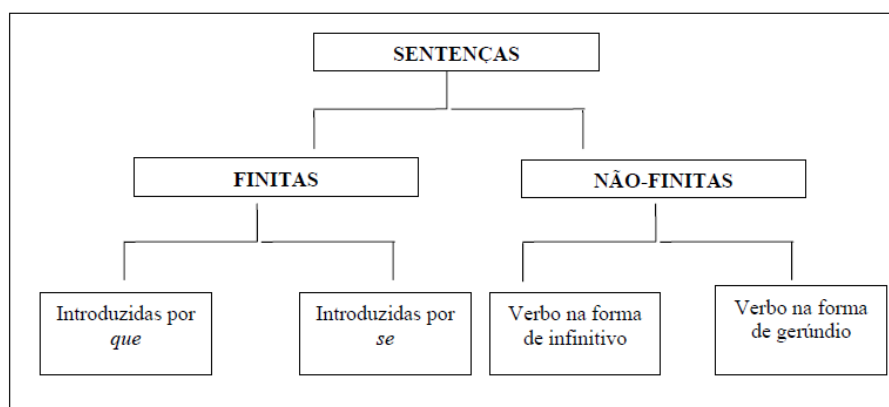
+ construcional		- construcional	
<i>EU SEI QUE</i> certeza	<i>(EU) NÃO SEI SE</i> incerteza	<i>(X) NÃO SABER SE</i> desconhecimento	<i>(X) (NÃO) SABER QUE</i> conhecimento
<i>EU SEI QUE</i> introdução de tópico			
<i>EU SEI QUE</i> reintrodução de tópico	<i>(EU) SEI QUE</i> finalização de tópico		

Fonte: Elaborado pelo autor

As análises das diferentes construções com *saber*, sob a abordagem cognitivo-funcional aqui adotada, também permitem que se proponha uma caracterização conceptual dos modos de subordinação completiva em português, em complementação

às caracterizações morfossintáticas já propostas em outros estudos, como, por exemplo, no estudo de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008). A partir de construções completivas do português falado culto, esses autores, com base em Dik (1997), propõem o seguinte esquema de caracterização das construções subordinadas completivas do português:

Figura 6 - Forma das sentenças subordinadas completivas no português falado



Fonte: Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão, 2008, p. 1051.

O estudo das construções com *saber* empreendido nesta pesquisa também permite ratificar a proposta de Langacker (2009) e identificar para as construções completivas com *saber* analisadas aqui, conforme a combinação de orações proposta pelo autor, os seguintes modos de subordinação conceptual:

(a) combinação de dois estados de coisas perfilados, em que se enquadram as construções com *saber* assertivas, como em:

(116) **ele num sabia que o...sequestraram PELA caminhonete e não pela profissão**
(IBORUNA - AI001, L38)

(b) combinação de dois estados-de-coisas, que podem ou não ser perfilados separadamente, modo de combinação em que se enquadram as construções performativas modais *eu sei que* e *(eu) não sei se*, como em:

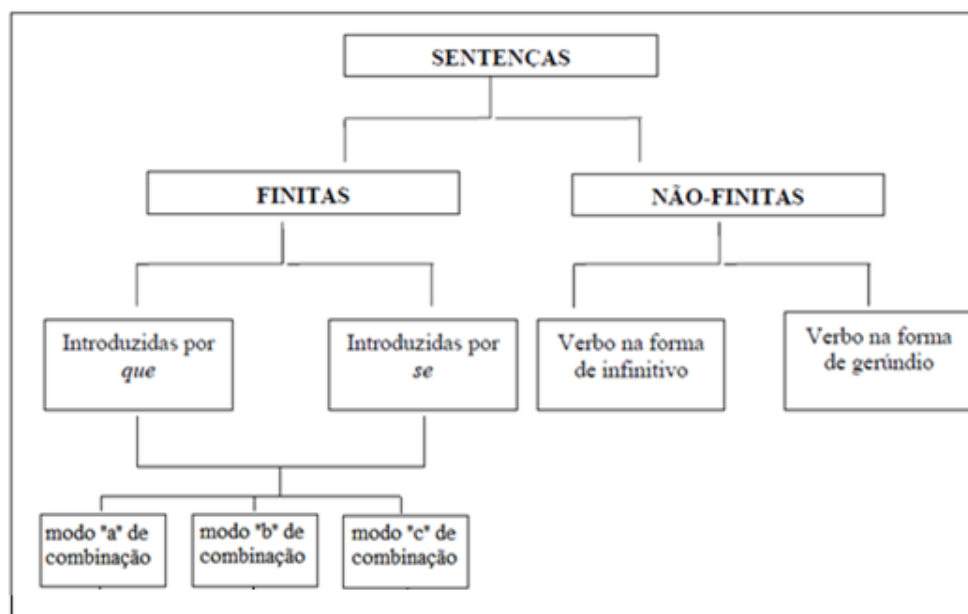
(117) cê escutava muita coisa::... (pessoa) cê escutava pessoas anda::n(d)o...[Doc.: ai credo] éh::... às vezes você ouvia vo::zes... **não sei se é porque o lugar é muito antigo:: ou né?**... (IBORUNA - AC070, L168)

(c) combinação de um estado-de-coisas perfilado, modificado por um processo não perfilado, modo de combinação em que se enquadram as construções performativas que atuam na organização tópica, sob a sob a forma (*eu*) *sei que*, como já mostrado em (21):

(21) Doc.: **J. *eu sei que* cê gosta de í(r) bastan::te lá na cidade da sua avó** como que é essa cidade?
Inf.: é assim uma cidade pequena né? (IBORUNA - AC048, l256)

As formas de subordinação completiva do português, propostas por Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008) podem, assim, ser complementadas pela explicitação de sua contraparte conceitual, do seguinte modo:

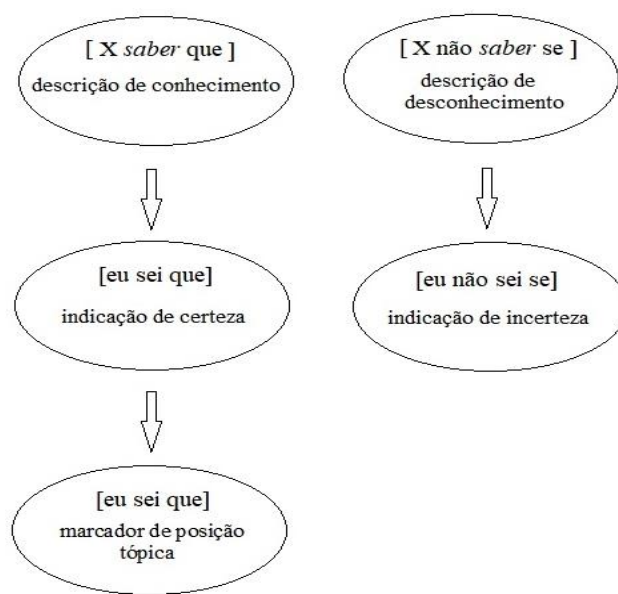
Figura 7 - Forma das sentenças completivas no português falado e sua contraparte cognitivo-conceitual



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados das análises empreendidas nesta pesquisa também permitem que se conjecture sobre a existência de possíveis relações de derivação entre as construções, que resultariam em uma organização em rede na mente do falante do seguinte modo.

Figura 8 – Possíveis relações de herança entre as construções com *saber*



Fonte: Elaborado pelo autor

As possíveis relações de herança entre as construções com *saber* são propostas em termos das propriedades identificadas com a análise dos fatores, de natureza tanto formal quanto funcional, investigados nesta pesquisa. Os primeiros nós da rede conteriam as construções assertivas, descritivas de conhecimento ou desconhecimento. As formas assertivas de *saber* afirmado e conjunção *que* estariam interligadas à forma modalizadora de certeza *eu sei que*, a qual, por sua vez, se ligaria à construção *eu sei que* marcadora de tópico.

Quanto ao nó contendo as construções descritivas de desconhecimento, caracterizadas por *saber* negado e conjunção *se*, esse estaria interligado ao nó da forma *eu não sei se* modalizadora de incerteza. Logo, as construções com *saber* modalizadoras de certeza ou incerteza seriam construcionalizações de possíveis formas de *saber* descritor de conhecimento ou desconhecimento, e a construção indicativa de posição

tópica constituiria construcionalização de apenas uma das formas indicativas de atitude proposicional, a *eu sei que*, não sendo ligada diretamente ao nó de *saber* descritivo. Como aponta Verhagen (2005, p. 106), “Os padrões de complementação concretos, “formulaicos”, [...] se conectam ao resto da rede em formação, mas são mantidos separadamente e recuperados (i.e. usados) com frequência e, possivelmente, apresentam propriedades específicas não partilhadas com os outros nós na rede.”

Supõe-se ainda, a partir desses resultados, que a ocorrência invariável dos fatores *1ª. pessoa do discurso e tempo presente* no verbo *saber* nas formas mais construcionais/formulaicas não seja “acidental”, dado que são indicativos de valores de (inter)subjetividade presentes na construção, visto que os significados são interacionais, aspecto que desempenha importante papel em processos de mudança linguística, tanto gramaticais quanto semântico-pragmáticos.

Traugott (1982, 1989, 1995a, b) foi uma das primeiras a investigar o papel da subjetivização e da intersubjetivização em processos de mudança linguística, especialmente a gramaticalização. Como aponta Silva (2011), Traugott define a subjetivização como “um processo de mudança pelo qual significados que descrevem uma situação externa passam a indicar perspectivas, atitudes e crenças do locutor em relação a essa situação”, e a “intersubjetivização como um processo de mudança semântica pelo qual um significado passa a codificar a relação entre locutor e interlocutor em sentido quer epistêmico quer social” (SILVA, 2011, p. 94 e 97).

É provável, assim, que a escala de construcionalidade das formas com *saber* (cf. figura 4), bem como a rede de relações de herança entre as formas (cf. figura 7), propostas neste trabalho, correspondam ao processo de construcionalização dos itens, hipótese que abre nova perspectiva de investigação dessas construções em português, sob o viés da diacronia.

5 CONCLUSÕES

Com a realização desta pesquisa, foram analisados usos assertivos e performativos de construções com o verbo *saber* no português falado no interior paulista, com o propósito de averiguar suas formas e funções, além de investigar seus graus de construcionalidade, definidos a partir da esquematicidade, composicionalidade e produtividade das formas.

Os resultados obtidos com a análise dos dados, desenvolvida em uma perspectiva sincrônica, indicam, em decorrência da própria natureza mais ou menos interacional das construções, que os graus de construcionalidade das construções com *saber* são menores para as funções assertivas, que descrevem (des)conhecimento do referente sujeito de *saber*, e maiores para as construções com funções performativas, voltadas à expressão de (in)certeza subjetiva e à organização de tópicos discursivos na interação verbal.

Considerando os subtipos de construção assertiva, os resultados revelam que o que descreve um desconhecimento do referente sujeito, sob a forma *(X) NÃO SABER SE*, se mostra mais construcional do que a que descreve um conhecimento, sob a forma *(X) (NÃO) SABER QUE*.

Dos subtipos de construções performativas modais, a construção indicativa de certeza se mostra mais construcional, sob a forma *EU SEI QUE*, do que a construção que indica incerteza epistêmica, na forma *(EU) NÃO SEI SE*.

Considerando as construções performativas que funcionam na organização tópica de uma interação verbal, as que servem à introdução e reintrodução de um tópico discursivo se mostram mais construcionais, na forma *EU SEI QUE*, do que aquelas que marcam a finalização de um tópico, cuja forma esquemática é *(EU) SEI QUE*.

Em relação à configuração das construções de acordo com modos de combinação cognitiva de orações proposto por Langacker (2009), os resultados da pesquisa permitem

propor: (i) um modo que retrata uma relação entre dois processos perfilados combinados em uma mesma janela de atenção, em que se enquadriam as construções com função assertiva, menos esquemáticas, porém bastante composicionais; (ii) um modo intermediário, em que há a conceituação de dois processos perfilados ou, alternativamente, de apenas um processo perfilado, com estados-de-coisas percebidos como integrados, caso em que se enquadrariam as construções indicativas de certeza e de incerteza subjetivas; e (iii) um modo em que há apenas um processo perfilado, em relação ao qual uma construção funciona como qualificadora, caso das performativas que funcionam na organização tópica analisadas nesta pesquisa.

No tocante a possíveis relações de herança entre as construções, os resultados obtidos com esta pesquisa também permitem propor uma organização em rede dessas construções com a seguinte configuração: o nó das construções descritivas de conhecimento se interliga ao nó da construção modalizadora de certeza *eu sei que*, a qual, por sua vez, se liga à construção *eu sei que* marcadora de tópico. Já o nó das construções descritivas de desconhecimento se interliga ao nó da construção *eu não sei se* modalizadora de incerteza.

As conclusões desta pesquisa abrem, assim, a possibilidade de se investigar, desta vez em perspectiva diacrônica, se os resultados propostos para os graus de construcionalidade e relações de herança das construções com *saber* identificadas para o português falado contemporâneo correspondem ao processo diacrônico de construcionalização das formas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. Coordenação e Subordinação – uma proposta de descrição gramatical. *ALFA – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 41, Fundação Editora da UNESP, 1997.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Editora Nova Fronteira & Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2009.
- BRAGA, M. L. **Anais da Associação Brasileira de Linguística**, Florianópolis, 1999a. (CDROM da ABRALIN).
- BRAGA, M. L. **As orações encaixadas no dialeto carioca**. Relatório Científico apresentado ao CNPQ, 1999b. Mimeo.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge University Press, 2003, p. 10.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- CARVALHO, C. **Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista**, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. **O ‘achar’ no português do Brasil: um caso de gramaticalização**, 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.
- CEZÁRIO, M. M. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**, 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ.
- CHAFE, W. L. **Discourse, Consciousness, and Time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1994.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 464-508.
- DIESEL, H.; TOMASELLO, M. **The acquisition of finite complement clauses in English: a corpus-based analysis**. *Cognitive Linguistics* 12 (2), p. 97-142, 2001.
- DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar II**. New York: Mouton, 1997.
- FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FORTILLI, S. C. **Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas no Português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização**. 2013. 163 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, 2013.

GIVÓN, T. **Syntax: A functional-typological introduction**. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: OUP, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em 24.06.2020.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. 2003. 250 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. (Org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1021-1088.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007. p. 313-327.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. vol 2: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**, v. 18, p. 181-225, 1988.

LYONS, J. Towards a national theory of the 'parts of speech'. **Journal of linguistics** 2, n. 2. 1966. p. 209-236.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. Construções encaixadas: considerações básicas. In: NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p.151-162.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, E.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: University of Toronto/Department of Linguistics, 2005.

SILVA, A. S. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Almedina, 2006.

SILVA, A. S. (Inter)subjetificação na linguagem e na mente. **Revista portuguesa de humanidades**, v. 15, n. 1, p. 93-110, 2011.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2007.

SOUSA, G. C. Gramática e gramaticalização de construções completivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **As interfaces da gramática** (série Trilhas Linguísticas, no. 18). 1ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2010. p. 231-244.

SOUSA, G. C. Por uma abordagem funcionalista da complementação oracional. **Veredas**, Juiz de Fora, p. 108-119, 2011.

SOUSA, G. C. História de uma completiva: origem e desenvolvimento do complemento oracional introduzido por “se” do português. **Alfa**, Araraquara, v. 56, n. 1, p. 81-107, 2012.

SOUSA, G. C. Percurso diacrônico de completivas introduzidas por “como” no português. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n.1, p. 366-375, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1112/678>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SOUSA, G. C. Motivações semânticas e pragmáticas na mudança gramatical. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 20, p. 53-72, 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise centradano uso**. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade FederalFluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E, C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). **Variation, Selection, Development - Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E, C. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: SMIRNOVA, E.; BARÐDAL, J.; GILDEA, S.; SOMMERER, L. (Ed.). **Historical Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: **Gramática do português culto falado no Brasil** [S.l: s.n.], 2006.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax and cognition**. New York: Oxford University Press, 2005.